

5701A 8002 12 DESTRO!

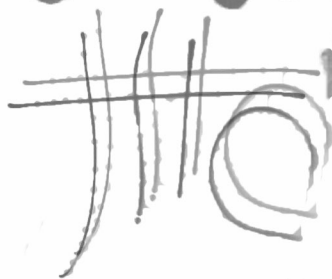
FAUSTINO ROUBA MIUDEZAS
NAS AMERICANAS

TRAVESS
DEVS



BRANCO Cat Walk

#TV



PAI BOA E
PAI MORTO

AMA

AMAZ

MACONHA

CHAPADO!!!

UMA COISA PRA ME JULGAR?

SEMINÁRIO LABORATORIO INTERNO URBANO 2015.2

Seminário Interno
Laboratório Urbano . 2015.2

10 e 11 de dezembro
Faculdade de Arquitetura . UFBA
Salvador . Bahia . Brasil

Laboratório Urbano

O Laboratório Urbano é um Grupo de Pesquisa cadastrado no CNPq desde 2002, que inscreve-se na linha de pesquisa “Processos Urbanos Contemporâneos” do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia [PPG-AU/FAUFBA], e mantém interlocução e parcerias com outros grupos nacionais e internacionais em torno do seu principal tema de pesquisa e estudos: a cidade e o urbanismo contemporâneos. O Laboratório Urbano investiga a complexidade da cidade contemporânea a partir de três canteiros de reflexão (linhas de pesquisa) articulados entre si:

1. Historiografia e Pensamento Urbanístico

Dedicado à pesquisa historiográfica, este canteiro busca mapear as redes complexas que construíram e ainda constroem o pensamento urbanístico e, assim, exercitar uma teoria da história que, apesar de construir uma cronologia, suspeita de uma visão linear, contínua, evolucionista e fechada. A pesquisa coletiva (CNPq) **Cronologia do Pensamento Urbanístico**, principal atividade deste canteiro, busca, por um lado, realizar uma construção crítica e complexa que evita pacificar os processos históricos e questiona a pertinência e/ou adequação do uso de noções como transferência, modelo e/ou influência e, por outro, cartografar as resistências ao pensamento urbanístico hegemônico. Seu objetivo geral é contribuir para uma melhor compreensão da circulação das ideias urbanísticas.

2. Apreensão Crítica da Cidade Contemporânea

Reúne estudos críticos à espetacularização urbana contemporânea que desviam por micro-resistências urbanas e outros modos de apropriação do espaço urbano. Buscamos neste canteiro uma abertura metodológica do campo do urbanismo através de outras possibilidades de compreensão e de ação urbana como: o jogo, o profano, o opaco, o ordinário, o cotidiano, o resto, o infame, o processual, o movimento, o errante. Entre os anos 2011 e 2014, a discussão teórica e ação empírica do canteiro foram exercitadas coletivamente na pesquisa (**PRONEM – FAPESB/ CNPq**) **Experiências metodológicas para compreensão da complexidade da cidade contemporânea** que investigou metodologias de apreensão da complexidade das cidades no atual contexto de espetacularização urbana. Seu objetivo geral foi buscar outras formas de apreensão crítica e compreensão analítica dos espaços urbanos contemporâneos.

3. Estética, Corpo e Cidade

Dirigido ao estudo das coimplicações entre corpo, cidade e estética, este canteiro de reflexão pretende discutir a dimensão estética como forma de apreender e pensar a cidade. Estudamos também as ações e experiências corporais e cotidianas no espaço público e, em particular, na rua. Os trabalhos artísticos são pensados como uma outra possibilidade de compreensão crítica dos conflitos e dissensos urbanos tendo por foco prioritário a escala do corpo e a experiência urbana. Uma análise das práticas e ações cotidianas tenta relacionar a construção de territórios urbanos e a produção de subjetividades. As atividades deste canteiro estão diretamente relacionadas à plataforma **CORPOCIDADE** que realiza uma série de ações, oficinas, encontros e publicações desde 2007. Seu objetivo geral é de, através das questões estéticas, artísticas e/ou do corpo, problematizar as questões urbanas.

www.corpocidade.dan.ufba.br

Os modos de fazer do Laboratório Urbano

Cada um desses três canteiros acima especificados atua na interface, ou melhor, nos limiares, do urbanismo com outros campos disciplinares no sentido de tensionar o próprio campo do urbanismo e ampliar suas fronteiras tradicionais. Os aspectos conceituais e metodológicos dos diferentes recortes empíricos dos canteiros são estudados em sua coimplicação e em suas possíveis articulações práticas, diretamente vinculadas às experiências metodológicas de apreensão da cidade. Teoria, crítica e prática são entendidas como instâncias inseparáveis na produção do conhecimento sobre a cidade. Enfatizamos a dimensão processual e metodológica da pesquisa.

Ao propor articular experimentações teóricas às empíricas, buscamos criar também outras formas de narração da experiência urbana, outros modos de aproximação

com a prática profissional, outras possibilidades tanto de apreensão da cidade quanto de intervenção prática projetual e, assim, outras formas de colocar em tensão o próprio campo do urbanismo.

O Laboratório Urbano procura instaurar um ambiente de pesquisa coletivo que permita o diálogo simétrico entre os pesquisadores – professores, doutorandos, mestrandos e graduandos – tanto no âmbito dos debates e formulações teóricas quanto no âmbito das escolhas de procedimentos e encaminhamentos das pesquisas em curso. Além dos encontros regulares, o Laboratório Urbano também realiza, periodicamente, encontros específicos dedicados ao exercício de autorreflexão mobilizada pela contribuição provocativa de pesquisadores externos, de grupos parceiros.

Pesquisadores Membros do Laboratório Urbano

Coordenação Geral

Paola Berenstein Jacques (PPGAU/FAUFBA – PQ CNPq)

Professores

Fabiana Dultra Britto (PPGDança/UFBA)

Fernando Gigante Ferraz (PPGAU/FAUFBA – IHAC/UFBA)

Francisco de Assis Costa (PPGAU/FAUFBA – PPGAU/UFPB)

LuisAntonio de Souza (PPGAU – Urbanismo/UNEB)

Pasqualino Romano Magnavita (PPGAU/FAUFBA – PQ CNPq)

Margareth da Silva Pereira(PROURB/UFRJ – PQ CNPq)

Thais de Bhanthunchinda Portela (PPGAU/FAUFBA)

Washington Luis Lima Drummond (PPGAU/FAUFBA – UNEB)

Pesquisadora recém ingressa:

Junia Mortimer (FAUFBA)

Pós-doutorando:

Eduardo Rocha Lima (PPGAU/FAUFBA, bolsa CNPq)

Bolsistas IC

Gabriela Rabelo | Cronologia do Pensamento Urbanístico
Igor Queiroz | Cronologia do Pensamento Urbanístico
Janaína Lisiak | Cronologia do Pensamento Urbanístico
Leonardo Vieira | Cronologia do Pensamento Urbanístico
Thiago Silva | A.T. - Cronologia do Pensamento Urbanístico

Participantes do seminário

Anna Raquelle Edington | mestrado
Breno Silva | doutorado
Camila Benezath | doutorado
Cícero Menezes | mestrado
Clara Pignaton | doutorado
Dilton Lopes | mestrado
Gabriel Ramos | mestrado
Janaína Chavier | doutorado
João Pena | doutorado
Leandro Santos | mestrado
Lorena Costa | mestrado
Lucas Moreira | mestrado
Maria Isabel Menezes | doutorado
Milene Migliano | doutorado
Osnildo Wan-Dall | doutorado
Ramon Martins | mestrado
Santiago Cao | mestrado
Tiago Schultz | mestrado

Seminário Interno . 2015.2

Estamos realizando mais um Seminário Interno, momento importante do exercício de autoreflexão do grupo de pesquisa Laboratório Urbano. A partir de 2009, essa prática se estabeleceu nas programações anuais deste grupo e assumiu variadas formas: desde reuniões dos membros internos do grupo com a participação de professores e pesquisadores parceiros de outras instituições, que nos ajudaram a pensar sobre a nossa produção e a desenhar as nossas linhas de pesquisas (canteiros de reflexão); até encontros com formatos mais abertos – estes denominados Seminários de Articulação e partes constituintes das programações dos eventos CORPOCIDADE –, nos quais as questões, temáticas, práticas, metodologias trabalhadas pelo grupo Laboratório Urbano foram compartilhadas, experimentadas, discutidas, reformuladas com participantes diversos (dentre os quais alunos, professores, pesquisadores, artistas, líderes comunitários...) chegados até nós de vários cantos do mundo, com o intuito de vivenciar as experiências propostas pelos seminários artístico-científico CORPOCIDADE.

Este é o segundo Seminário Interno do grupo de pesquisa realizado em 2015 (o primeiro aconteceu em março) e todos dois têm a característica comum de terem se reservado à discussão intra-membros, em processo autoreflexivo de avaliação das pesquisas individuais, assim como dos canteiros de pesquisas do Laboratório, das metodologias adotadas pelo grupo e das suas abordagens teóricas e incisões práticas no campo disciplinar do urbanismo, em constantes conexões com outros campos do saber.

Um certo “modo de fazer” foi praticado para conceber as manhãs e tardes que comporão o Seminário Interno . 2015.2, assim como para desenhar as páginas que seguem esta, neste Caderno de Resumos. Recebido os textos resumos das pesquisas dos membros do Laboratório Urbano, passei a lê-los retirando deles frases, parágrafos e expressões textuais que me pareciam significativos para o contexto de pesquisa que estava sendo apresentado. Realizada esta primeira fragmentação dos 18 textos recebidos¹, destes fragmentos retirei palavras que, de alguma maneira, no meu ponto de vista, sintetizavam as questões relevantes trazidas naqueles fragmentos de resumos. Tais palavras soltas e repetidas por diferentes membros do grupo, agora desvinculadas de seus autores, foram agrupadas em quatro nuvens de palavras, para as quais (e partindo delas) foram criadas quatro figuras provocativas: “narrativa”, “dissidência”, “espetacularização”, “crítica ao urbanismo”. Portanto, tais figuras provocativas são ideias que atravessam as pesquisas ao mesmo tempo que formam eixos de conexões entre elas, os quais podem servir de ponto de partida para o entendimento de suas diferenciações: eixos comuns abordados de diferentes maneiras, com variado aporte conceitual e metodológico, oriundos de referências teóricas e vivenciais diversas.

Dando prosseguimento a esta formulação experimental da forma do Seminário, a partir do momento em que os autores dos resumos foram sendo associados às nuvens de palavras específicas, cada uma já vinculada à uma figura provocativa – num exercício bastante complexo,

pois muitas vezes o nome de cada autor aparecia feito lampejo intermitente em várias nuvens – foi se desenhando os quatro grupos de pesquisadores que realizarão as manhãs e tardes dos dias 10 e 11 de dezembro do Seminário Interno Laboratório Urbano . 2015.2. Durante o Seminário, cada pesquisador do grupo tem vinte minutos para a apresentação de sua pesquisa, seguido de dez minutos para debate exclusivo em torno de suas colocações. No final de cada manhã ou tarde, temos uma hora e trinta minutos para o debate de articulação entre todos os trabalhos apresentados naquele turno. Cada Debate de Articulação tem uma figura provocativa como provocação ao debate, podendo essa ser contestada, rechaçada, abraçada ou até ignorada...

Calorosos debates para todos.

Eduardo Rocha Lima

Nota

¹ A ideia metodológica da fragmentação de documentos, com inspiração direta no modo de fazer pesquisa do “ficheiro” Walter Benjamin, vem sendo praticada na pesquisa que desenvolvemos, atualmente, dentro do arquivo do Laboratório Urbano, financiada enquanto bolsa de pesquisa de pós-doutorado – CNPq.

**Programação do Seminário/
Índice do Caderno de Resumos**

dia 10/12 . manhã

08:30 Abertura

**08:40 Narrativas urbanas da noite: experiência,
historiografia e produção de cidade – literatura,
ilustração, fotografia [Osnildo Wan-Dall] - Pág. 22**

09:00 Debate

**09:10 A construção de visualidades urbanas a partir da
dinâmica entre corpo e afeto [Ramon Martins] - Pág. 27**

09:30 Debate

**09:40 Catraias-pesca-saveiro: aproximações e narrações de
práticas de cidade pelo mar [Gabriel Ramos] - Pág. 33**

10:00 Debate

**10:10 Sobre como apreender uma praia inventada
[Milene Migliano] - Pág. 38**

10:30 Debate

**10:40 Debate de Articulação
Figura Provocativa - NARRATIVA**

12:00 Fechamento

dia 10/12 . tarde

14:00 **Moradores de rua: sociabilidades engendradas na impossibilidade de suas existências nas ruas das cidades** [Anna Raquelle Edington] - Pág. 46

14:20 debate

14:30 **Fazendo ponto: corpo, cidade e práticas sexuais** [João Pena] - Pág. 51

14:50 Debate

15:00 **Miragens ou imagem, alteração de sentidos e cidade** [Lucas Moreira] - Pág. 55

15:20 Debate

15:30 **Um poeta, um corpo: a cidade. A ação poética e as narrativas urbanas à margem** [Dilton Lopes] - Pág. 60

15:50 Debate

16:00 **Heterologia na cidade, espacialidades da experiência, o radicalmente outro – a partir de Georges Bataille** [Breno Silva] - Pág. 65

16:20 Debate

16:30 **Debate de Articulação**

Figura provocativa - DISSIDÊNCIA

18:00 **Fechamento**

dia 11/12 . manhã

- 08:30 **A potência do encontro como formas de resistências** [Santiago Cao] - Pág. 70
- 08:50 Debate
- 09:00 **Cotidianos, “culturas” e transformações urbanas de Salvador do século XXI**
[Leandro Santos] - Pág. 75
- 09:20 Debate
- 09:30 **A atuação urbanística do dispositivo de pacificação; um percurso pelo Centro de Salvador**
[Maria Isabel Menezes] - Pág. 77
- 09:50 Debate
- 10:00 **A imagem cultural na cidade mercadoria: o corpo museificado e o corpo em trânsito**
[Lorena Costa] - Pág. 82
- 10:20 Debate
- 10:30 **Debate Articulação**
Figura provocativa - **ESPETACULARIZAÇÃO**
- 12:00 **Fechamento**

dia 11/12 . tarde

14:00 **Por uma cartografia do cotidiano para colorir cidades** [Camila Benezath] - Pág. 90

14:20 Debate

14:30 **Das maneiras de se pensar/dizer/produzir cidades: múltiplas narrativas. imagens de pensamento. Atlas** [Janaína Chavier] - Pág. 94

14:50 Debate

15:00 **Embriaguez na cidade: a Paranoia de Roberto Pive e Wesley Duke Lee** [Cícero Menezes] - Pág. 98

15:20 Debate

15:30 **Devir China_das transformações das cidades chinesas pós-Mao** [Tiago Schultz] - Pág. 101

15:50 Debate

16:00 **A questão da forma entre a história e o tempo - notas sobre a obra de Flavio de Carvalho** [Clara Pignaton] - Pág. 105

16:20 Debate

16:30 **Debate de Articulação**

Figura Provocativa – **CRÍTICA AO URBANISMO**

18:00 **Encerramento do Seminário**

Alteridad / Imagen / Etnografía

FOUCAULT

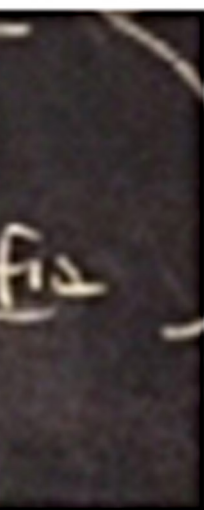
gestos

Corpus disciplinados

→ exposición

instituciones

experiencia



MILTON SANTOS
- ANA CLARA - D
Sujeitos corrompidos
homens lentos
C2 vto 3 vto 2
de 2520
muitos
OUTROS

DIA 10/12 - MANHÃ

Osnildo Adão Wan-Dall Junior
Orientadora: Paola Berenstein Jacques
Doutorado
Ano de ingresso: 2014

**Narrativas urbanas da noite: experiência,
historiografia e produção de cidade -
literatura, ilustração, fotografia**

22

Esta pesquisa tem por objetivo compreender como a experiência da noite tem sido narrada desde o surgimento das grandes cidades e como essa mesma experiência continua sendo possível na contemporaneidade. Desse modo, a hipótese investigativa que venho construindo é a de que algumas práticas tradicionais do urbanismo desconsideram conscientemente as possibilidades espatemporais da noite urbana, negando e excluindo a alteridade enquanto produção de cidade frente aos processos de espetacularização e gentrificação, diretamente relacionados às pacificações e assepsizações por que tem passado o espaço público urbano.

Se considerarmos uma historiografia que relacione o pensamento urbanístico com a literatura desde pelo menos meados do século XIX, encontraremos uma noite que é musa inspiradora de artistas, escritores e poetas em suas errâncias urbanas. Dentre os exemplos mais conhecidos, estão narradores urbanos como Charles Baudelaire e João do Rio, respectivamente, na Paris no

Rio de Janeiro das grandes reformas urbanas novecentistas; André Breton na Paris surrealista dos anos 1920 e 1930; e Jorge Amado na Bahia que se modernizava, nas ressonâncias das reformas empreendidas pelo então governador J. J. Seabra.

Mas de que modo é possível articular as múltiplas narrativas sobre a noite no âmbito da produção de cidades? Enquanto lugar da coexistência de tempos, espaços e dimensões por vezes imprecisas, pode-se dizer que a noite tem uma poética própria, e pouca ou quase nenhuma relação com uma noite produtivista, ativa, rápida, prática, luminosa ou iluminada pelos holofotes do espetáculo urbano. Muito menos com uma noite legitimada como contraposição ou prolongamento de um dia entendido como jornada de trabalho, também ele cronológico, composto por 24 horas ininterruptas.

23

Em contrapartida, é bastante comum que a noite seja considerada puramente como cronologia no âmbito do planejamento urbano: enquanto produtividade, velocidade, sendo que, ironicamente, vários estudos, ações e práticas apontam para a promoção de uma noite mais “viva” e “ativa”. É a partir desse viés que algumas políticas recentes tematizam o debate da noite nas cidades, a exemplo das *Nuit Blanches* (Noites Brancas), modelo europeu de culturalização urbana iniciado em Paris em 2002 e exportado desde então, a exemplo de “viradas” noturnas ou culturais que chegam em várias cidades do globo.

Como o nome sugere, a *NuitBlanche* visa oferecer ao público uma noite branca, clara, iluminada, espetacular, e gira em torno das questões da arte contemporânea,

contemplando instalações e performances. A primeira edição da Nuit Blanche teve como objetivo oferecer uma “experiência coletiva” através de “percursos artísticos noturnos” nas ruas, museus e demais espaços públicos da cidade, numa “noite para todos”, baseada na festa e no encontro, como escreveu o então prefeito de Paris, Bertrand Delanoë.

Cidades como Amsterdã, contam, inclusive, com a figura de um “prefeito da noite”, agenciador estratégico da cultura local 24 horas, que fica à frente das supostas demandas coletivas relativas à cena cultural urbana. Outro exemplo de ações culturais que vão no mesmo sentido é a Nuit Européenne des Musées (Noite Europeia dos Museus), evento promovido pelo Ministério da Cultura e da Comunicação francês que chegou à sua 11ª edição em 2015 e que proporcionou a entrada gratuita, até meia-noite, em mais de 1300 museus somente na França, e cerca de 3400 em toda a Europa.

No Brasil, um dos eventos mais expressivos nesse sentido é a Virada Cultural de São Paulo que, desde 2005, visa “refletir o espírito tipicamente paulistano de uma cidade que ‘nunca para’”. Com duração de 24 horas, o evento, que acontece anualmente, é explicitamente inspirado na Nuit Blanche francesa e busca, de acordo com o portal online oficial do evento, “promover a convivência em espaço público, convidando a população a se apropriar destes locais por meio da arte, da música, da dança, das manifestações populares.”

No último ano, a capital paulista sediou, ainda, um evento chamado Seminário da Noite Paulistana, cuja pauta tratou de questões como urbanidade e cida-

nia em uma “cidade 24 horas”. O pleito era de que os espaços urbanos fossem qualificados também para a promoção artística e cultural noturna. Do evento resultou um Manifesto da noite, publicação que aborda diretamente questões de segurança, medo, infraestrutura e mobilidade urbana, e está diretamente relacionado à economia criativa, tratando a cidade como um objeto com potencial e “vocação” para uma indústria de cultura e vida noturna, embora – é difícil não fazer a crítica – se trate de uma noite quase artificial, tornada diurna.

De fato, a questão cronológica, ou estudo dos tempos urbanos, é fundamental para esta pesquisa, o que justifica o contato feito com o Prof. Alain Guez, pesquisador membro do LAA – Laboratoire Architecture/Anthropologie (UMR CNRS 7218 LAVUE) da École Nationale Supérieure d’Architecture de Paris La Villette, na França, para que me recebesse no âmbito do Doutorado Sanduíche, que deve ser iniciado em princípios do próximo semestre.

25

Em seus estudos, Guez se dedica justamente à questão dos tempos/ temporalidades urbanas, de modo que, estando no LAA, eu integraria a Linha de Pesquisa/ Canteiro de Reflexão Chronotopia (Cronotopia), por ele coordenada juntamente da historiadora e doutora em urbanismo Alice Sotgia, bem como o Projeto de Pesquisa Paris 2030: exploration chronotopique d’un territoire parisien (Paris 2030: exploração cronotópica de um território parisiense), por ele coordenado. Ambos Linha/ Canteiro e Projeto de Pesquisa mencionados estão em consonância com um dos dois eixos metodológicos do LAA, Chronotopies (Cronotopias), cuja questão central

é compreender “como, pela dimensão temporal, pode-se construir outra forma de apreensão de um território urbano em transformação”.

Como a tese ainda está em andamento, tanto o recorte quanto o objeto específico de estudo ainda não foram definidos. O caminho, agora, é saber sob que pontos de vista a experiência da noite deverá ser exatamente abordada (daí permanecerem no título deste resumo as palavras “ilustração” e “fotografia”), bem como quais narrativas deverão compor os objetivos temáticos da pesquisa. Em todo caso, nosso movimento tende a uma ode e apologia explícitas da experiência da noite e da alteridade urbana radical como produção de cidade. Dentro, fora e nos transbordamentos do campo da arquitetura e do urbanismo.

Ramon Martins
Orientador: Fernando Ferraz
Mestrado
Ano de ingresso: 2015

A construção de visualidades urbanas a partir da dinâmica entre corpo e afeto

Com as palavras que se seguem, tenta-se traçar uma descrição sobre o exercício em fase inicial de construção de uma dissertação. As palavras seguintes, portanto, não descrevem um produto já estruturado nem tampouco delimitações estáticas e bem alocadas do produto que a mesma dissertação em algum momento, possivelmente, apresentará. Elas algumas vezes, no presente texto, podem sugerir a potência de um ponto exclamativo, quando constituem narrações de determinados eventos e fatos desenrolados no percurso de investigação; outras vezes podem sugerir a potência de reticências, quando constituem nebulosas de pensamentos que circundam indefinidamente o objeto estudado; enquanto outras, talvez a maioria, ainda podem sugerir a potência das interrogações, constantes e motores do próprio ato de pesquisar. Lado a lado caminham as palavras de potência de interrogação e de reticências; as primeiras na enunciação de questionamentos e as segundas na confabulação de resultados, com ânsia de serem, mas não pretensão, potentes como exclamação.

As primeiras palavras com potência exclamativa trazem um fato que situa um princípio. Este fato é um experimento de narração de determinada experiência urbana, executado no ano de 2014, em um recorte espacial específico da cidade de Florianópolis. Motivados pelas excursões dadaístas e deambulações surrealistas realizadas em Paris na primeira metade do século XX, diferentes transeuntes percorreram o mesmo espaço físico delimitado no centro urbano da capital catarinense, como parte de uma atividade de prática estética e preâmbulo à reflexão do procedimento como método ao fazer artístico. A partir disso, cada indivíduo produziu visualmente um resultado que fosse capaz de narrar a apreensão desta experiência urbana. Surgiram fotografias e montagens cartográficas afetivas que, quando transmitidas, evidenciaram possibilidades visíveis de um mesmo espaço físico chamado Florianópolis¹.

Este experimento traz o entendimento de que um mesmo espaço físico pode ser apreendido de diferentes maneiras e que, assim, inúmeras possibilidades de cidade podem coexistir sob um mesmo nome. A respeito de um único trajeto, enquanto um primeiro transeunte, por exemplo, narra a experiência de caminhar norteadado pelo sol que se põe no horizonte ao fim do dia, um segundo constrói uma narração a partir da observação da quantidade de lixo acumulado pelas ruas no fim do mesmo dia. É a questão da multiplicidade do território em contraste com a unidade do espaço tecendo específicas narrações sobre a cidade, que por sua vez constroem certas visualidades urbanas². Impossível não lembrar dessas construções como representações de um espaço percebido na discussão trazida por Lefebvre sobre a distinção entre espaço vivido, concebido e percebido.

Assim, surge um escopo: indivíduos que apreendem um território e arquitetam possíveis visualidades urbanas.

De que maneira a produção das visualidades urbanas encontra-se atrelada ao território existencial do próprio indivíduo? De que forma se pode estabelecer um paralelo entre as tais visualidades com a seleção consciente e inconsciente de elementos da paisagem pelo ser que percorre e transita pelo espaço urbano? À luz de que estímulos o indivíduo elege os componentes de um recorte da cidade e os apreende como coerentes à instalação de territórios visuais, sendo estes compreendidos como construções narrativas³? Parece haver neste jogo o encontro corporal e afetivo do indivíduo com o ambiente urbano. Com a consideração desta relação entre corpo e afeto, as nebulosas de reticências multiplicam-se no apontamento de possibilidades ao desenrolar do problema.

29

Ao escapar-se dos processos foucaultianos de assujeitamento que podem trazer tais visualidades como resultados de uma experiência controlada por determinados dispositivos, encontra-se em Espinosa a noção de desejo e afeto como fundamentos à construção da própria subjetividade humana⁴. Com este entendimento, tenciona-se a construção das visualidades com a potência de afecção do próprio indivíduo, na compreensão desta potência como um gesto criativo. Outras leituras possíveis, em concordância com a constituição da subjetividade do indivíduo a partir da noção de corpo desejante circunscrito a uma trama estabelecida pela relação das afecções, trazem a possibilidade de fazer-se emergir um entendimento caro ao diálogo que se estabelece, como a própria fenomenologia de Merleau-Ponty que pode

compreender as visualidades como percepções sensíveis de uma experiência corporal de mundo⁵. Neste nebuloso, e talvez improvável, diálogo, pode-se estabelecer um paralelismo, ou também um dissenso, cabe averiguar mais detidamente, entre a noção de um corpo que percebe e a noção de um corpo que se afeta.

De qualquer forma, este exercício lida com a subjetividade do indivíduo civilizado, aculturado e instalado nos centros urbanos. Por esse motivo, outros pensadores surgem na discussão, mas o excesso de reticências ainda não permite que aqui sejam estabelecidas nítidas relações, como é o caso de Georg Simmel e Sigmund Freud⁶. Com estas primeiras palavras acompanhadas sempre da potência das interrogações, portanto, traça-se um caminho à reflexão sobre a capacidade dos indivíduos de construir diferentes visualidades sobre um mesmo percurso urbano.

Notas

¹ Esclarecer este experimento e trazê-lo ao presente espaço/tempo, necessariamente, posiciona determinado lugar de fala e expõe o território daquele que coloca estas palavras. A atividade mencionada fez parte do trabalho de conclusão de curso do autor, como parte da Graduação em Design Industrial no Instituto Federal de Santa Catarina. O trabalho, na ocasião realizado em parceria com o Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis, pretendeu estabelecer uma relação entre arte e design no ambiente metropolitano a partir do projeto de um artefato para a cidade situado entre arte pública e mobiliário urbano.

² As visualidades urbanas referem-se neste trabalho, reflexão a partir de palavras investidas com a potência de reticências e de interrogação, às imagens de pensamento que se constroem desde a narração de uma experiência urbana.

³ Para Michel De Certeau, a cidade é compreendida como construção das práticas cotidianas e são os jogos dos passos de seus praticantes os responsáveis pela formação dos espaços. Todo relato e construção narrativa é uma prática do espaço. Assim, as visualidades estabelecidas já são práticas do espaço e estas, quando De Certeau (“A invenção do cotidiano”, 2014, p. 159) elucida com base na fenomenologia de Merleau-Ponty, “[...] remetem a uma forma específica de operações (maneiras de fazer), a uma outra espacialidade (uma experiência antropológica, poética e mítica do espaço) e uma mobilidade opaca e cega da cidade habitada. [...] Deste ponto de vista, existem tantos espaços quantos experiências espaciais distintas. A perspectiva é determinada por uma fenomenologia do existir no mundo.”

⁴ A ética de Espinosa define o homem a partir da sua capacidade de transformar afecções em potência de existência. Nele, alma e corpo estão imbricados paralelamente e se articulam diante dos afetos em consonância com o aumento de potência. A ideia que a alma constrói a respeito das afecções instaladas no corpo sensível é o que Espinosa vai justamente chamar de imagens. À luz desta compreensão filosófica, a construção de visualidades parece ser possível pela existência da capacidade de afecção do próprio indivíduo. As visualidades, portanto, podem aparecer como imagens construídas pela alma a partir das afecções impressas no corpo, isto é, são produtos quando o corpo se coloca disposto à afecção.

⁵ Para Maurice Merleau-Ponty (“Fenomenologia da percepção”, 2006), a fenomenologia propõe que aquilo que se sabe, sabe-se a partir de determinada experiência perceptiva corporal no próprio mundo. Neste sentido, o olhar não apenas vê; ele olha, toca, sente e compreende o mundo e, principalmente, constitui-se com o mundo. Há uma indissociabilidade entre fenômeno e ser: só há comohaver o fenômeno enquanto existir o ser no qual a experiência do fenômeno se situa.

⁶ Simmel, a partir de fragmentos visualizados no cotidiano de seu

próprio espaço-tempo, Berlim na transição do século XIX para o século XX, traça a formação da vida mental do indivíduo metropolitano como produto das dinâmicas de uma cidade imersa em um processo de mutações estéticas e transformações sócio-econômicas, capazes de intensificar a mercantilização das relações sociais e a própria experiência do homem no seu percurso urbano. Enquanto Freud, na posição de fundador da psicanálise situado na primeira metade do século XX, expõe o inconsciente humano a partir das questões de libido e do desamparo como afeto essencial à formação do indivíduo, exibindo o homem como produto de um possível mal-estar instaurado na civilização pela culturalização do próprio ser humano.

Gabriel Ramos
Orientadora: Thaís Portela
Mestrado
Ano de ingresso: 2014

**Catraia-Pesca-Saveiro:
aproximações e narrações de
práticas de cidade pelo mar**

Num dia qualquer, uma amiga fez um convite para ir a uma exposição fotográfica que estava organizando como parte de seu projeto de graduação em Arquitetura e Urbanismo. As fotos retratavam um pouco da vida dos homens que trabalham em pequenas embarcações fazendo a única travessia pública pelo mar que liga a capital do Espírito Santo, Vitória, à cidade vizinha, Vila Velha, os chamados catraieiros, que têm esse nome por serem tripulantes de uma pequena embarcação, movida a remo, a catraia. A exposição, por sua vez, acontecera no antigo cais, no intuito de mostrar aquele lugar para as pessoas, um evento aberto. Junto a outros estudantes, professores e intelectuais, tocados pela sobrevivência daqueles sujeitos nos riscos e imprevistos do dia a dia; nas disputas com a Companhia Docas do Espírito Santo pelo espaço; num espaço sujo e arruinado; passamos a frequentar o cais e as catraias, tentando entender, de alguma forma, as transformações do espaço, das temporalidades e, sobretudo, das vidas nele presentes.

Nessas idas e vindas ao local, observamos as interessantes conexões que aqueles sujeitos fazem, diariamente, com o bairro Paul (em Vila Velha), indo e vindo, a todo tempo, com as catraias sempre com passageiros. A partir disso, decidimos ajudar aqueles sujeitos, tentando articular diversas ações e reuniões com prefeituras e órgãos. Com o tempo, contudo, muitos daqueles que participavam das reuniões – tanto os estudantes e interessados, quanto os próprios catraieiros – se dispersaram, até se findarem os encontros. Depois dessa experiência, nos afastamos fisicamente dos trabalhadores, mas continuamos atentos às atividades que ocorriam no cais. Em seguida, tentamos trazer o ativismo para o debate, a partir do cotidiano desses sujeitos. Foi nesse contexto que surgiu a escrita do anteprojeto de mestrado e o ingresso no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFBA.

Após isso, tendo acesso a outras referências, notamos, na abordagem da pesquisa, um olhar condicionado a ver mais os sujeitos, falando sobre eles, sendo necessário observar outras coisas ao redor, já que, com a disciplina da Arquitetura e Urbanismo, agora partíamos do ponto de vista espaciotemporal e não somente antropológico. Desse modo, numa inversão de postura, observamos criticamente, a partir deles, os modos de fazer singulares enquanto chaves de conexão para a cidade contemporânea.

Indo para Salvador, após a imersão no mestrado, em 2014, fomos atravessados por questões que a cidade trazia à tona, especialmente, atreladas à exclusão de práticas e intensos processos de transformação dos espaços públicos. Dentro da cidade soteropolitana, morando

no Rio Vermelho, observamosas fortes investidas capitalísticas em prol do cerceamento, “branqueamento” e elitização dos espaços, mostrando a orla como um território inventado para um tipo de uso: lazer e bem-estar. Acarretado a isso, ainda nesse instante, participando das intensas reuniões do Laboratório Urbano, nos apareceram outras práticas que poderiam auxiliar a compreender as da catraia: os saveiros, remanescentes da Baía de Todos os Santos, seculares nas cidades e ilhas que compõem o entorno da capital baiana, se configurando mais do que deslocamentos: intercâmbios de artefatos, alimentos, costumes e culturas, contudo, praticamente pulverizadas nas cidades.

Desse modo, tendo em mãos vestígios na cidade e transbordos de informações históricas, tomamos dois direcionamentos na pesquisa. O primeiro, no intuito de complexificar mais ainda a questão, se tratou de uma pesquisa dos regimentos que, de certo modo, conduzem e colocam em disputa as práticas, através de pesquisas sobre portos, mercados e comércios interior/exterior que, sobre e pela vida desses sujeitos, provocam intensas relações. O segundo, no trabalho de campo, voltamos o olhar antropológico às práticas, pelo viés etnográfico, tentando compreender modos de fazer no dia a dia, nos munindo das narrativas dos sujeitos e visando trazer, da maneira mais inteligível, outros modos de narrar a cidade.

Decidindo ir às práticas, precisamos, em primeiro instante, compreender mais passagens atuais sobre os saveiros, dos quais não tínhamos noção alguma. Foi quando, num dia, decidimos perguntar a um pescador, no Rio Vermelho, se ele sabia onde poderíamos encontrar

os remanescentes dos saveiros e ele afirmou não saber e que, aliás, era muito difícil encontrá-los. Para compreender isso, passamos a frequentar o local da pesca, somente para observar, conversar sem compromisso, até, finalmente, explicarmos o motivo da investida. Desse modo, como não encontrávamos os saveiros, acabamos por tentar chegar a eles a partir da pesca, mas, voltamos às catraias, pois, de certo modo, as inquietações que surgiam no campo foram observadas também em Vitória, no início desse percurso.

Nesse momento, através das investidas de expulsão das atividades locais – em prol de um projeto de um “Novo Rio Vermelho”, encampado pela Prefeitura de Salvador –, foram trazidos à memória outros encontros (físicos, conceituais, etnográficos etc.): seja o que fora tentado pela Codesa, em Vitória; ou ainda o que os ordenamentos da “Lei de Doca e Estiva”, em Salvador, provocara nos saveiros, quase arrasando suas atividades. Esses fluxos de memória se tornam paradigmáticos, mas, ao mesmo tempo, mostram as diferenciações das resistências em cada local.

Assim, por meio de agenciamentos e conexões de cidades (Deleuze e Guattari), práticas diferentes e semelhantes, a pesquisa se desenrolou e se complexificou, numa tessitura de **aproximações e narrações de práticas de cidade pelo mar, através de catraia, saveiro e pesca, em Vitória, Vila Velha e Salvador**. Assim, o objetivo geral visa desvelar – sem revelar – práticas de cidade pelo mar (De Certeau, Ribeiro, Santos, Jacques), nas brechas das regulações do Estado, das quais o Urbanismo, enquanto dispositivo de poder (Foucault) de

Estado, insiste em criar instrumentos para seu apagamento ou transformação. Além disso, como objetivos específicos, o trabalho aponta para uma construção de grafias que narram (Benjamin, Didi-Huberman) e complexificam encontros (Espinosa, Deleuze, Ericson Pires, Suely Kofes), e se transformam em eventos de criação (Ericson Pires), produzindo pensamentos para o campo do urbanismo; além de ferramentas para o urbanismo lidar com a vida praticada sem transformá-la em folclore, que vende identidades palatáveis para a indústria do turismo.

Milene Migliano
Orientadora: Paola Berenstein Jacques
Doutorado
Ano de ingresso: 2013

Sobre como apreender uma praia inventada

38

Esta é uma tentativa de abordagem do estudo de caso da Praia da Estação elaborada no período de pesquisa no Laboratório de Arquitetura/Antropologia, em Paris. O procedimento metodológico busca possibilitar entender quais são as diferenças dessa ação insurgente que, ao se dizer horizontal, lúdica e persistente, mobiliza corpos e práticas em uma ocupação de um espaço público no centro de Belo Horizonte. Nossa hipótese é que a ação produz imaginários políticos outros, numa prática que implica invenções de usos da Praça da Estação e da internet. Compreendemos que a experiência e desejo de outros projetos de cidade é traduzida em narrativas nas quais podemos encontrar, na etnografia em produção, fragmentos que imbricam corpos e temporalidades no espaço-tempo da cidade.

Assim, o trabalho será de acessar no gesto de pesquisa e escrita, a tradução das situações narradas nos processos engendrados na luta pelo espaço público. Pretendemos compor uma montagem crítica dos fragmentos de nar-

rativas acerca das possibilidades de ocupação de espaços urbanos abandonados, revitalizados e/ou expropriados do uso dos cidadãos, tendo em vista suas temporalidades, virtualidades e práticas de cidade implicadas.

Belo horizonte é a primeira capital planejada seguindo o modelo parisiense haussmaniano; inaugurada em 1897, foi construída pela chegada dos materiais via estrada de ferro, na Praça da Estação. Em 2008, depois de uma reforma de oito anos, passa a abrigar no prédio da estação o Museu de Artes e Ofícios acervo do Instituto Cultural Flávio Gutierrez . O plano originalmente divulgado era realocar as estações de trem e metrô dentro do museu, mas isso ainda não aconteceu. Após um ano de funcionamento da praça, diversos eventos de pequeno, médio e grande porte ocuparam o espaço, atingindo um público de até oitenta mil pessoas. Mas em janeiro de 2010 foi instituído um decreto proibindo os eventos de qualquer natureza na praça, interditando o espaço ao uso público. Acontece uma mobilização iniciada a partir da chamada em um blog anônimo que reúne oitenta pessoas. Neste encontro inicial, depois de alguns desentendimentos, é montada uma lista de emails e em nove dias acontece a primeira Praia da Estação: a praça de concreto é tomada por corpos vestidos em maio de banho para reivindicar com uma ocupação inusual, a suspensão do decreto. A praia persiste por três meses todos os sábados de manhã e o prefeito pressionado instaura uma comissão para revisão do decreto que é suspenso.

39

A prática de ocupação da praia experimenta formas de organização diferentes das hierarquizadas em funcionamento nas instituições, que regulamentam e regulam o espaço urbano. Seja em encontros presenciais, ou por meio do compartilhamento de registros das situações

vivenciadas, narrativas vão sendo tecidas e atualizadas em suas dimensões políticas e afetivas, contaminando e imbricando outros corpos. Em meio a uma trama de acontecimentos, escolhemos partir dos registros na internet das situações que foram vivenciadas nestes tempos de contestação, reivindicação ou celebração, mobilizadas pelos habitantes da capital mineira.

40

Usaremos como matéria complementar da montagem dos registros tanto as entrevistas e encontros, como textos, músicas e imagens das práticas que foram compartilhadas nas Praias da Estação, seja em co-presença espacial ou por meio de mediação da internet. Levaremos em conta os processos relatados pelos cidadãos implicados nos outros projetos de cidade invocados nos questionamentos insurgentes em Belo Horizonte, a partir de 2010. Para começar a perceber de um lugar diferente como estes imaginários vão sendo construídos nas implicações da luta pelos espaços públicos, trabalharemos com uma ficha de identificação de cada situação de registro.

Nessa ficha constarão a numeração, a data (no formato dia, mês e ano), o endereço do site na web com a tipificação do mesmo - considerar o modelo da plataforma de rede social – blog, flickr, youtube, facebook, twitter. Qual o contexto da situação que nomeia e referencia o acontecimento narrado. Qual o número de visualizações, curtidas, comentários. Qual é o teor dos comentários realizados. Quais são os comentários gerais que podemos tecer sobre essa situação a partir dos outros dados aos quais temos acesso. Cópia de uma imagem da página e produção de um mapa/croqui da ocupação na cidade. Trabalhando com dez situações escolhi-

das, sendo cinco em 2010, primeiro ano da ação e 5 em 2015, data final do recorte do estudo de caso, podemos observar algumas transformações simples de elencar, como a utilização de diversas mídias sociais no início, em contraste com a centralização do compartilhamento dos registros pelo facebook atualmente. Percebemos também que se em 2010 eram necessários no mínimo três meses para o prefeito iniciar um diálogo com os banhistas. Em 2015, o tempo reduziu-se para um dia de manifestação, na internet: depois de um dia que havia sido feita uma postagem no facebook demandando o religamento das fontes de água, as fontes inativas desde junho de 2013, são religadas diante de uma ameaça de realização da praia em outra praça da cidade, a praça da Savassi. Na última ação analisada, os banhistas sugerem a troca da estátua de Tiradentes pela de Ed Marte, o qual entre maiôs femininos, cabelos longos, barba e batom vermelho, personifica a discussão sobre a liberdade de gênero no espaço público da capital mineira. Pela análise dos mapas, ainda em processo, observamos como a Praia da Estação foi conquistando percursos e público ampliado pela cidade. No Sete de setembro de 2015, a Praia teve a participação de cerca de dez mil pessoas, contando como organização apenas uma chamada na rede de mídia social facebook.

41

Assim, partindo da montagem das situações da Praia da Estação vamos abordar as negociações, consensos e dissensos ali produzidos e interrogar quais e como são as transformações realizadas nestes percursos e processos que desenham linhas de fuga aos objetivos determinados pelo poder instituído no espaço público urbano contemporâneo.

Nota

¹ Flávio Gutierrez é um dos fundadores da Andrade e Gutierrez, empreiteira multinacional responsável por obras como a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu, a Estrada de Ferro Carajás, o Aeroporto Internacional de Confins e o metrô de Salvador.

• SEXUALIDADE /
EROTISMO
• EMBRIAGUES /
EBRIO
• POLÍTICA / MICRO
MICRO / MIMICRY
• ESPAÇO PÚBLICO
• LIMINARIDADE
• ARTE / ESTÉTICA
• HETEROLOGIA

- | Subjetividade / Corpo / Arte
- | Alteridade / Imagem / Etnografia

↑ <u>DIDI-HUTTEN</u> <u>SODENWASSER</u> <u>WAGSCHWES</u> <u>OSTEROLINI</u> EBIN feste festus BRANJANIN	↑ GUTHE 2000 WAND <u>NARBURG</u> WILDO <u>NACHLASEN</u> <u>GESTOS</u> IMAYU GROZBURG INDREUS festus
--	--

DIA 10/12 - TARDE

Anna Raquelle Edington
Orientador: Fernando Ferraz
Mestrado
Ano de ingresso: 2015

**Moradores de rua: sociabilidades
engendradas na impossibilidade de sua
existência nas ruas das cidades.**

46

A proposta dessa pesquisa é investigar as formas de sociabilidade urbana construídas pelos moradores de rua na cidade de Salvador, sem perder de vista que estas sociabilidades são construídas em diálogo direto e cotidiano com representantes das múltiplas ordens que investem na gestão do espaço público. Define-se aqui sociabilidade a partir de Michel de Certeau (2009)¹, entendida não como um conjunto de regras de convivência urbana, nem uma maneira abstrata pela qual os sujeitos se relacionam na cidade. Falar em sociabilidade é falar de um modo de relação datado, circunscrito, acontecido. É a forma de convívio que se desenrola num momento específico. Em poucas palavras é um modo de ação constituído através da relação entre estratégias e táticas.

Para os agentes, responsáveis pela gestão do espaço público, morar na rua é inconcebível, pois, por um lado,

é incompatível com a vivência e sobrevivência do indivíduo, e, por outro, é incoerente com a própria manutenção da rua como espaço público. Em torno dessa premissa, no âmbito do Estado, é organizada uma série de intervenções sociais e urbanísticas que tem como público alvo os moradores de rua (COSTA, 2007)². As intervenções sociais estão pautadas em um sentido de “proteção” desses indivíduos, representados como “sofredores”, através da “oferta” de abrigo, em unidades criadas para este fim; já as urbanísticas atuam no sentido de proteger as ruas desses indivíduos tidos como “perigosos”, deixando a estes duas opções: ou aceitam o abrigamento ou são condenados a um trânsito eterno pela cidade.

O abrigamento é a porta de entrada da política pública voltada para os moradores de rua, e é somente a partir dele que o morador de rua entra para um campo de direitos, ou seja, fora das instituições de abrigamento o morador de rua “não tem direito a ter direitos”. Sem comprovante de residência só conseguem atendimento na rede pública de serviços com a mediação de instituições destinadas gerir e intervir sobre eles.

47

No entanto, apesar da importância das instituições de abrigamento, estudos apontam uma resistência muito grande ao mesmo. Em pesquisa anterior - a partir da observação dos agentes sociais que abordam os indivíduos em situação de rua e tentam “sensibilizá-los” a voltar para casa ou aceitar o abrigamento em uma das unidades institucionais destinadas a atendê-los - foi identificado que grande parte reivindica claramente através do enunciado “eu tenho direito à rua” o uso do espaço público da cidade, concebido por eles com “es-

paço de todos”. No entanto, ao recusar o imperativo de sair das ruas, são orientados a permanecer em movimento constante.

Nesse trânsito compulsório é preciso negociar no dia-a-dia a vivência e sobrevivência nas ruas da cidade. Frente a esse processo de negação da sua existência nas ruas das cidades, expulsos do campo dos direitos por habitarem em um espaço proibido, os moradores resistem negociando diariamente a construção de territórios na rua e de rua.

Dito isso, embora importantes, os estudos que interpretam a “experiência da rua” somente a partir da chave da pobreza urbana ou da exclusão social deixam de perceber aspectos importantes para compreensão da dinâmica social e organizacional das ruas das cidades, vez que perdem de vista o modo pelo qual os indivíduos constroem cotidianamente o seu mundo nesse mesmo espaço. As táticas de vivência e sobrevivência que viabilizam a permanência desses personagens urbanos nas ruas das cidades, os usos e sentidos que atribuem a esse espaço revelam a construção de malhas de sociabilidade urbana contrárias as estratégias de ordenamento desse espaço.

Nas palavras de Michel de Certeau (2009), ordem seria a visão estratégica que os indivíduos detêm para se guiarem na cidade. Estratégia é tão somente o senso de uma ordem, a antevisão abstrata acerca de como se constituem as relações sociais numa cidade, a partir da qual o indivíduo planeja um caminho para a ação. Mas o gesto que ele realiza em sua concretude nunca é o desdobramento simétrico dessa antevisão, pelo contrário, as ações dos indivíduos se constituem principalmente

através de “táticas” que burlam essas estratégias ordenativas.

A administração das carências no espaço público requer do indivíduo que “saiu da estrutura” (Mello, 2011), investimentos em uma série de táticas, tendo em vista não só aumentar o acesso a bens, como assegurar sua integridade física e psíquica. O indivíduo gradativamente constrói um novo saber, inserindo-se em novas redes de sociabilidade construídas no espaço público (SILVA, 2007/2008)³.

Estudar esses personagens urbanos sem partir do pressuposto que é inconcebível viver nas ruas, ou seja, construir territórios existenciais nesse espaço é, antes de tudo, entender que inconcebível ou não, eles vivem e sobrevivem nas ruas e das ruas da cidade. Isso requer olhar para eles com o mesmo olhar subversivo com que olham para a rua. Digo subversivo, no sentido que usar a rua como casa é subverter a lógica desses espaços físicos e sociais, lógicas opostas, mas que dialogam e se atravessam (ESPINHEIRA, 1993)⁴.

49

Para tanto, este projeto pretende utilizar como ferramentas metodológicas: 1) observação dos locais apropriados (acúmulos de pertences, utensílios domésticos, etc.) pelos moradores de rua, procurando identificar de que forma organizam o cotidiano no espaço público, bem como os usos e sentidos atribuídos a esse espaço; 2) registro fotográfico desses locais; 3) caminhadas com os informantes, espécies de “visitas guiadas” por seus circuitos de sociabilidade no espaço urbano.

Notas

¹ CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2009.

² COSTA, Daniel De Lucca. A Rua em Movimento: experiências urbanas e jogos sociais em torno da população de rua, Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação do Departamento de Antropologia Social – FFLCH – USP, São Paulo, 2007.

³ SILVA, Anna Raquelle E. A. A construção da pobreza urbana: representações e estratégias dos “pobres” frente à pobreza, a assistência, e a proteção social e cívica. Relatório final do projeto PIBIC/CNPq/UFBA, 2007-2008, julho 2008.

⁴ ESPINHEIRA, Gey. A casa e a Rua. Caderno do CEAS, Salvador, n. 144, p. 24-38, maio/junho, 1993.

João Pena
Orientador: Washington Dummond
Doutorado
Ano de ingresso: 2015

Fazendo ponto: corpo, cidade e práticas sexuais

Esta pesquisa de doutorado, ainda em fase de redefinição, propõe um estudo acerca da produção de cidade relacionando as práticas sexuais de prostituição e as reformas, mudanças e dinâmicas urbanas. De algum modo, é um desdobramento da pesquisa de mestrado sobre cines pornôns no Centro de Salvador, porém neste momento voltamos nossa atenção para os espaços públicos (ruas, largos, praças etc.) ou áreas onde a atividade acontece.

51

A partir do entendimento de que as ações tradicionais e institucionais de planejamento urbano no Brasil não dão conta de uma série de processos urbanos e mesmo com uma série de instrumentos de ordenamento urbano há processos que desviam desse corpo normativo, alterando e reconfigurando certos espaços na cidade. Por outro lado, há ações dirigidas pelo poder público ou privado que podem influenciar fortemente nas atividades da prostituição na cidade.

O tema proposto nesta pesquisa não é muito aborda-

do no campo do urbanismo ou dos estudos urbanos, embora o seja em outras áreas como a antropologia. Autores afirmam que os estudos da geografia brasileira têm tratado a questão sexualidade-corpo-território como elementos periféricos. Isto também é apontado por Sarah Feldman em sua dissertação de mestrado sobre a “territorialização da prostituição feminina em São Paulo” ao afirmar que esse tipo de estudo permite ao pesquisador investigar aspectos esquecidos ou pouco explorados nos estudos urbanos. Isso indica que práticas sexuais, prostituição, corpo e território ainda configuram-se como temas residuais nas pesquisas no campo do urbanismo. Nesse sentido, pretendemos contribuir para uma ampliação da abordagem do urbano e da compreensão dos processos de produção da cidade contemporânea.

52

Neste momento pretendemos abordar essa questão através de uma perspectiva comparativa entre duas cidades com distintas características urbanas, sociais, econômicas etc. Trata-se de Salvador, no Brasil, e Amsterdã, na Holanda. Contudo, não pretendemos buscar, necessariamente, similaridades, mas compreender como a relação entre prostituição e espaço urbano se dá nessas diferentes realidades.

O Centro de Salvador é conhecido por ter abrigado intensamente tanto a atividade de prostituição em bordéis ou na própria rua quanto as pessoas envolvidas nessa prática (prostitutas, travestis etc.). Gey Espinheira descreve e explica que nos anos 1980 o Macial, área do Pelourinho, apresentava a maior concentração prostitucional de Salvador, bem como Neusa de Oliveira discorre sobre a prostituição de travestis nos anos 1990

na mesma área. Luiz Mott acrescenta informações importantes nos anos 2000 trazendo um panorama sobre os locais onde a prostituição é frequente na cidade, ressaltando a Rua Carlos Gomes como o local de maior “ferveção” da Bahia. Contudo, essa situação sofreu mudanças e hoje mesmo ainda havendo pontos de prostituição, estes são muitos menos que outrora. É possível observar uma maior concentração em áreas como Pitu-ba e pontos da Orla Atlântica. Sabemos também que a cidade expandiu-se, sobretudo na última década e nos anos 1990 o Pelourinho foi foco de intervenções do Estado no sentido de sua “revitalização”.

Amsterdã é conhecida mundialmente pela tolerância às drogas e a prostituição. Esta, situada nos bordéis do Red Light District (Zona da Luz Vermelha) é regulamentada e fiscalizada pela municipalidade desde 2000. A área é uma importante atração turística, mesmo para aqueles que não buscam sexo, ou seja, as mulheres nas vitrines, o neon e a zona fazem parte dos atrativos da cidade como um cartão postal. Recentemente a prefeitura propôs um plano de reforma urbana para a área, sob a justificativa da incidência do tráfico de mulheres. De acordo com sites de notícias, 115 das 500 vitrines já foram fechadas. A cidade tem adquirido algumas edificações onde funcionavam bordéis e alugado para funcionarem como estúdios e ateliês de jovens estilistas e fotógrafos. Esta situação tem provocado protestos e manifestações contra o fechamento das vitrines.

Nesse sentido, o que estamos buscando é entender a lógica dessas situações, de que maneira a prostituição se instalou e marcou essas áreas no contexto da cidade,

que táticas são usadas para resistir contra as estratégias engendradas pelos poderes hegemônicos, pelo plano e pelo ordenamento urbanos? Estariam ambas as cidades passando por um processo de higienização urbana, cujos reais interesses têm a ver com o capital turístico e imobiliário? Há alguma relação entre esses processos de retração da prostituição no espaço da cidade com a ampliação da prostituição nos espaços virtuais?

A fim de entendermos nossa questão, consideramos que é preciso definir uma metodologia que não estaria nem no campo do urbanismo nem da antropologia, já que a intenção não é fazer uma etnografia à moda dos antropólogos, tampouco uma análise de dados e uso do solo etc. O percurso metodológico ainda se encontra indefinido, mas com a orientação de mobilizar diferentes ferramentas que possibilitem uma melhor compreensão da nossa questão.

Lucas Moreira
Orientador: Pasqualino Magnavita
Mestrado
Ano de ingresso: 2014

Miragens ou imagem, alteração de sentidos e cidade

Entre 1927 e 1940 Walter Benjamin realizou dois experimentos fundamentais para a proposição de pesquisa de mestrado à que vocês serão apresentados a partir de agora. Dizem respeito a um conjunto de experiências existenciais e intelectuais nos 13 anos que antecederam a sua morte na fronteira franco-espanhola enquanto fugia da Gestapo: as experiências de autointoxicação com ópio, haxixe e mescalina e o projeto das Passagens, livro publicado após a sua morte.

55

Benjamin esboçou uma série de anotações que tinham como objetivo a narração de seus estados de alteração, organizados sobre a forma de protocolos – grande parte feito sob efeito das substancias ou datilografado depois num exercício imagético no qual aparecem - ao menos inicialmente articulados - imagens do pensamento, figuras do sonho e descrições. O projeto das Passagens trata-se do processo de compilação de um conjunto de citações colhidas no acervo da Biblioteca Nacional de Paris, além de curtas anotações do próprio pensamento de Benjamin, organizadas em fichas ou em forma cons-

telar. Como um colecionador, organizou um grande volume de citações imagéticas, nos quais não nos deixa perceber como seriam interligados.

De um lado, um conjunto de escritos alucinatórios, fruto de experiências com narcóticos, nos quais há descrições minuciosas de estados corporais, de elementos espaço-temporais, imagens vertiginosas e fragmentarias da cidade e dos espaços nos quais Walter Benjamin e seus amigos realizavam as sessões de haxixe; de outro, uma coleção de citações cujo conteúdo abarca transversalmente imagens da modernidade, imagens da cidade e das transformações urbanas, de imagens arquitetônicas, imagens em movimento, da *flanèrie*, do dandismo, do ócio e etc.

56

Na introdução à edição alemã de *Passagens* de 1982, Rolf Tiedemann sugere uma relação possível entre esses dois experimentos.

Quase simultaneamente às primeiras notas às Passagens encontram-se nos escritos de Benjamin inúmeras anotações dos próprios sonhos; naquela época, começou também a experimentar drogas: com estas duas experiências ele tentou romper as formas congeladas e petrificadas nas quais tanto pensamento quanto seu objeto, sujeito e objeto, transformaram-se sobre a pressão da produção industrial. Ele via manifestar-se no sonho assim como no êxtase provocado pelo narcótico um 'mundo de singulares afinidades secretas' (A°, 4), no qual

o sonho e o êxtase parecem abrir-lhe um domínio de experiências na qual o Eu se comunicava com as coisas de maneira corpórea e mimética. (TIEDEMANN, 2007, p.18)

Em carta à Scholem datada de 26 de julho de 1932, Benjamin falava de seus próprios planos, os abandonados e os inacabados, dentre os quais estão o livro das “Passagens de Paris” e um livro de “extrema importância sobre o haxixe. Este último está no segredo dos deuses e por enquanto deve ficar apenas entre nós”. O que estas duas “obras” fragmentarias podem sugerir a esta pesquisa? Elas introduzem ao menos três pontos importantes desta dissertação, quais sejam: 1. o tema da experiência das drogas, 2. O contexto urbano e 3. A exploração de um recurso metodológico de montagem de imagens, esboçada por Benjamin.

57

O objetivo geral desta dissertação é desenvolver uma pesquisa de natureza teórico-prática a partir de metodologias experimentais com o intuito de estabelecer uma relação entre um conjunto de experiências urbanas atravessadas em alguma dimensão pelo uso de drogas. O presente estudo visa sobretudo propor uma abordagem antropológica e imagética sobre o tema desenrolando-se a partir das seguintes experiências urbanas em processos de montagem: 1. Projetos artísticos contemporâneos (Narcotourism de Francis Alÿs (1996), 4 dias e 4 noites de Arthur Barrio (1970) , Raised by Wolves de Jim Goldberg (1996), Cosmococa de Helio Oiticica e Neville D’Almeida (1937-1980), Kids on LSD, happenings do Provos, etc...), nos quais o estado de alteração

de consciência, assim como caminhadas pela cidade e estados corporais extáticos, são elementos compositivos; 2. Eventos e situações vividas por um grupo de jovens que fazem parte da minha trajetória nos quais compartilham entre – outras coisas – o uso de drogas há aproximadamente oito anos, com descontinuidades. Compõe este segundo conjunto de experiências jovens nascidos entre 1980 e 1994, de camadas médias urbanas. Este grupo, seus perfis, imagens, rotas, itinerários, espaços e formas de socialização serão mais especificamente tratados na dissertação – soma-se uma série de imagens produzidas por mim em caminhadas.

Metodologicamente este trabalho sugere uma relação entre arte e antropologia em experimento de montagem. Ancorando-se na compreensão da imagem como proposta por Didi-Huberman a partir do Aby Warburg, assim como nas proposições de alguns autores que trabalham com a metodologia etnográfica de trajetória compartilhadas. Buscando uma interação, uma sobreposição descontínua, entre arte, experiência, imagem e etnografia visou criar uma abordagem particular para o tema da alteração de sentidos ou do uso de drogas na cidade.

A embriaguez cannábica, o frenesi do extasy, a vibe do haxixe, a força e magia do rapé, do kambô, da ayahuasca. Fumar um na praça, ou andando, ou de carro, circular para não tombar com a polícia. Cruzar várias ruas por horas depois três carreiras de cocaína, em dois ou três barres e depois atrás de um carro, tombando várias vezes com a polícia. O que experiências como estas podem sugerir a pesquisa do espaço urbano? Essa per-

gunta já propõe um dos objetivos gerais desta pesquisa: uma conexão genuína entre o tema e o modo de abordagem deste tema.

Etienne Semain no texto “As mnemosyne(s) de Aby Warburg: Entre Antropologia, Imagens e Arte” propõe possibilidades para uma antropologia visual acentuando a urgência de repensar o papel das imagens e da arte em uma “necessária reformulação do ofício antropológico, buscando apontar percursos metodológicos e heurísticos na tentativa de revelar como as imagens conhecem e produzem pensamento.” (SEMAIN, p.29, 2011)

A pesquisa de dissertação, ainda em processo, interliga, arte antropológica e estudos de cidade, visando propor um modo indisciplinado de compreensão e vivência da experiência das drogas nas ruas da cidade e outros espaços; Este trabalho voltando-se a experiência do uso de substâncias psicoativas, centra-se sobretudo numa exploração visual, metodológica e alucinógena na busca de camadas mais profundas do entendimento de experiências urbanas dissidentes.

Dilton Lopes
Orientadora: Paola Berenstein Jacques
Mestrado
Ano de ingresso: 2015

Um poeta, um corpo: a Cidade
A ação poética e as narrativas urbanas à margem

60

*“dá pra se descobrir as brechas, eu ando por de-
baixo da avenida muito antes do metrô...”*

*“Primeiro passo é tomar conta do espaço. Tem
espaço a beça e só você sabe o que pode fazer do
seu. Antes, ocupe. Depois se vire.*

*“Ocupar o espaço, criar situações. Ocupa-se um
espaço vago como também se ocupa um lugar
ocupado: everywhere.”*

Torquato Neto, 1971

Partindo da concepção de cidade como campo de experimentação, vivência e circulação de afetos, o presente trabalho trata das narrativas poéticas de cidade presentes na produção literária brasileira conhecida como poesia marginal ou como geração mimeógrafo. Entende-

mos que a figura do poeta marginal assume para si um outro posicionamento ético-estético, ao abdicar de uma construção formal mais rebuscada para uma linguagem gregária e mais próxima ao cotidiano, ao incorporar a poesia dando-lhe voz e ao encontrar no mimeógrafo uma tática desviatória (DE CERTEAU, 1998) para a produção literária da época, escapando assim, dos circuitos comerciais e acadêmicos vigentes.

No que tange ao estreitamento de uma relação arte-vida-corpo-cidade, a poesia marginal adquire então, um modo de existência performático. Para além de uma postura estética, o poeta corporifica uma postura fundamentalmente política, incorporando novos conceitos ao discurso estético que tangenciam a apropriação, o jogo e o desbunde.

61

O objetivo aqui presente é o de se estabelecer (montar) uma constelação de narrativas urbanas que nos permitam construir cruzamentos e interpretações frente a uma historiografia hegemônica das cidades e dos seus projetos urbanos. Portanto, é salientar a potência de uma narração de experiência urbana de alteridade, entendendo que as narrativas sustentam as práticas sociais (DE CERTEAU, 1998). É também entender a própria poesia ou fazer poético como prática social.

Estabelecer como objeto de pesquisa as narrativas urbanas à margem significa reiterar e salientar a existência de outros discursos no que concerne a construção psicomorfológica da cidade contemporânea, em contrapartida a um e somente um pensamento hegemônico. A instituição dessa cidade do pensamento único (ARAN-

TES, VAINER, MARICATO, 2000), pouco a pouco fomenta o desaparecimento ou mesmo empobrecimento da experiência de alteridade urbana através de “uma hábil construção de subjetividades e de desejos, hegemônicos e homogeneizados, operadas pelo capital financeiro e midiático... que busca a eliminação dos conflitos, dos dissensos e das disputas.” (JACQUES, 2014,p.21). Essa construção acaba por promover a pasteurização, homogeneização e diluição das possibilidades de experiência na cidade contemporânea.”(ibidem, p.22)

Tratar das narrativas urbanas marginais significa dar importância a um discurso urbano que acontece sobre o solo e é praticado pelos praticantes ordinários da cidade (CERTEAU, 1998). Esses praticantes são capazes de criar ativamente táticas de resistência a essa pacificação, dando assim novos significados à vida cotidiana. Sobre essa relação, Michel de Certeau afirma que “a vida urbana deixa sempre mais remontar àquilo que o projeto urbanístico dela excluía. A linguagem do poder se urbaniza, mas a cidade se vê entregue a movimentos contraditórios, que se compensam e se combinam fora do poder panóptico.” (ibidem, p.174).

É nesse cenário que propomos investigar a cidade utilizando a “montagem” como conceito operatório dentro de uma produção poética marginal e também na suas reverberações em outros campos. Para tanto trataremos a poesia como “imagem” (PAZ, 1955) e estabeleceremos as três capitais brasileiras (Salvador, Rio de Janeiro e Brasília) como campos abertos ao jogo, à experimentação e investigação imbricados nos gestos de montar, desmontar e remontar.

“Escute meu chapa: um poeta não se faz com versos. É o risco, é o estar sempre a perigo, sem medo.” (NETO, Torquato, 1971)

*“um poeta não se faz com versos
o que pesa é ter que criar
não a palavra
não a estrutura onde ela ressoa
não o versinho lindo
mas o jeitinho dele ser lido por você
não o panfleto
mas o jeito de distribuir” (CHACAL, 1979)*

Compreende-se então, a produção marginal como ferramenta para apreensão da cidade, já que as narrativas propostas pela geração marginália são capazes de salientar dentre outras coisas uma marcante postura política, uma relação de aproximação e reconhecimento da vida cotidiana da cidade, um apelo ao corpo, quando adquire um modo de existência performático e ao percurso já que as poesias são lidas em movimento e no espaço urbano. São em si correlatos de narração e táticas de resistência e transgressão dentro e frente a um poder panóptico instaurado.

Propomos então uma leitura da ação poética marginal como uma cartografia subjetiva de cidade (DELEUZE e GUATTARI, 1995) onde corpo, arte, vida e cidade se imbricarão na produção de imagens e subjetividades. Buscamos nesse tipo de maneira de fazer poesia ou prática poética, dar importância a uma experiência urbana praticada sobre o solo, partilhada e experimentada

pelos praticantes ordinários da cidade. Entendemos assim, a ação poética marginal como lampejos de resistência (HUBERMAN, 2008), capazes de transgredir, desestabilizar e resistir, mesmo que momentaneamente, às formas de poder encarnado pelo sistema ditatorial brasileiro nos seus dispositivos de controle e vigilância.

Breno Silva
Orientador: Pasqualino Magnavita
Doutorado
Ano de ingresso: 2013

**Heterologia na cidade, espacialidades da
experiência, o radicalmente outro -
a partir de Georges Bataille**

*Ela diz, ei querido
Dá um passeio pelo lado selvagem
Walk on the wild side, Lou Reed*

65

Um chamado no cio para se pensar e, quem sabe, praticar a cidade desviando do domínio homogêneo e hegemônico. Chamado que permeia as noções de experiência, comunicação da experiência e heterologia a partir de Georges Bataille. Tais noções assumem significações diversas no movimento da escrita atravessada por “documentos” de vestígios do heterogêneo. A experiência é abordada como aquilo que põe em risco seja o que for que tome parte nela, e a sua comunicação como um conhecimento em crise, como um “não-saber” que inevitavelmente acena para um gaio saber. Esse aceno - mais insignificante que o das misses e que ao mesmo tempo embota seus sorrisos - instiga a crítica da realidade das cidades contemporâneas. Me parece que tal crítica coincide numa versão trágica das cidades, na evidência da sua “parte maldita” que irremediavelmente a constitui e

assombra seus domínios e instituições. Parte excretada que não forma um par binário com a parte homogênea, mas que brota nela contestando-a desde sua aparição. A experiência nesse sentido provoca e comunica espacialidade nas cidades, produzindo e trazendo à tona a “parte maldita”. Assim, as espacialidades da experiência são situações heterogêneas que escorrem sob domínios e propriedades, emergindo o diferente, o estranho, o outro. No limite, tais aparições são irredutíveis, incapturáveis. A heterologia, enquanto “conhecimento do totalmente outro”, voltada para as espacialidades da experiência traça um pensamento sobre tais aparições que fraturam e escapam da homogeneidade nas cidades. A comunicação das espacialidades da experiência aparece no desvio do homogêneo representado no cotidiano e ocasionam tremores e rumores nos limites dos entendimentos sobre a cidade. Tremores do instituído e rumores que enunciam as vidências do heterogêneo diante dessas estranhas aparições fulgurantes que não cessam de escapar sob a luz de estrelas mortas.

MET/HODOS
 CAMINHOS
 + RUIAS
 • ATDEENSA/
 + METODOLOGIA
 • NABRAGIA/
 EXPERIENCIA
 • EXPERIENCIA/
 PRÁTICA

Culturas
 DE CERVEAU
 práticas
 o que escape
 praticantes
 ordinaris
 (tática) método de
 sua vizin
 AFIM DADOS

Memória / Narrativa / História

DIA 11/12 - MANHÃ

Santiago Cao
Orientadora: Paola Berenstein Jacques
Mestrado
Ano de ingresso: 2014

A potência do encontro como formas de resistências.

70

Por milênios, o homem permaneceu o que era para Aristóteles: um animal vivente e, além disso, capaz de existência política; o homem moderno é um animal em cuja política esta em questão a sua vida de ser vivente. (FOUCAULT)

Se a vida é a que está em questão, podemos outra coisa mais do que resistir? E se nem toda resistência é um ato político, como fazer para recuperar a nossa existência política numa sociedade que tenta de nos tornar em meros sobreviventes?

Se o biopoder “faz sobreviver” numa sobrevida impotente, será preciso antepor a esta condição de sobrevivência outra categoria que é a da resistência. Mas, para falar de resistência a esta forma de existência, vamos propor que só se pode resistir se é junto-com um outro. Não há resistência em solidão. Pois se compreendêssemos o resistir como um re-existir, um voltar a existir

de uma maneira não opressiva para a vida, e se pensarmos na alteridade como condição de uma existência que respeita os outros modos de viver em sociedade, só posso voltar a existir através do outro, junto-com ele, lhe dando e obtendo existência numa ação conjunta e inseparável de (re)conhecimento. Existência móvel, dinâmica e em contíguatrans(forma)ação pois cada um desses outros vai me ver de uma maneira diferente. Vemo-nos através dos outros e como cada um desses outros tem se visto através de outros que se viram através de outros, meu olhar sobre mim e sobre o mundo é um olhar da multidão. Olhar dinâmico, que não fixa nem me permite fixar. E, precisamente, vai ser no encontro com esses outros onde eu vou poder me encontrar em outros modos, já não necessários mas sim contingentes e possíveis. Esses outros – e seus outros outros – que vão me possibilitar deixar de ser para poderestar num outro estado contíguo. Mas um estado com “e” minúsculo, ou melhor dizendo, uma pluralidade de “e(s)” minúsculos, pequenos, que resistem e fazem resistir, que fugam da continua tentativa de serem fixados num “E” maiúsculo por parte de um aparelho de Estado que tenta identificar e fixar cada ser vivente num Ser contínuo, linear e único.

71

Em tempos em que os canais de comunicação se transformaram em meios de (in)formação e a tecnologia deixou de ser um meio para se tornar num (inter)médio, num filtro entre as pessoas, o se encontrar se faz tão necessário como o respirar. Pelo menos se quisermos, além de encher os pulmões de ar insípido, poder disfrutar da rica multiplicidade de aromas que o mundo oferece a quem se dispõe a percorrê-lo.

A potência do encontro é a possibilidade de afetar e de nos afetar, contaminando-nos dos modos de ver dos outros. E se, como dissemos, cada um de nós somos uma multidão de olhares que não fixam nem se deixam fixar ou identificar, a potência do encontro seria uma resistência à medida que estaria se produzindo nele novas maneiras de pensar e de ver o mundo como assim também outras maneiras não hegemônicas de habitar e produzir cidades.

E como alternativa à sobrevida, o corpo vivo e vibrante, entendendo-o como aquele que se expõe a ser afetado por acontecimentos que o esgotam, mas que, contudo, lhe dão “devires que uma gorda saúde dominante tornaria impossíveis” (Deleuze). Como o observou Barbara Stiegler, “para Nietzsche todo sujeito vivo é primeiramente um sujeito afetado, um corpo que sofre de suas afecções, de seus encontros, da alteridade que o atinge, da multidão de estímulos e excitações que lhe cabe selecionar, evitar, escolher, acolher” (apud PELBART)

Há uma alternativa para resistir antes de só poder insistir como “fantasmas” de corpos socialmente invisibilizados? Efetivamente, os governos têm Poder para afetar a vida das pessoas, aumentando ou diminuindo a potência de agir ou a força de existir das mesmas. Mas se pensarmos que, segundo o proposto por Spinoza, ninguém sabe o que pode um corpo, um corpo afetado tem o poder de afetar também outros corpos gerando um movimento que potencializa as suas vidas. Felizmente, o Soberano Estado não é “Todo-Poderoso”, e nem sempre o Estado consegue furar o tecido afetivo. Às vezes, tentar tirar as pessoas dos seus espaços de relacionamento gera um resultado contrario ao desejado pelos interesses públicos e privados que estão detrás da

especulação imobiliária. Às vezes, a ameaça de remoção forçada produz um estado de exceção que suspende as diferenças históricas gerando nas pessoas uma vontade de se unir. Ou como disse Simone Venâncio,

esse baque assim que teve agora, fez que todo mundo se unisse, se desse as mãos porque a união faz a força, né? antes, assim, um para seu lado, outros por outro (...) mas agora não, esta todo mundo unido. Quem não se falava há décadas, agora esta todo mundo falando (CAO; RAMOS).

E como aconteceu com várias das pessoas que moram ou trabalham na Ladeira da Conceição, no Centro Antigo de Salvador, este estado de suspensão do cotidiano lhes habilitou a possibilidade de ter encontros entre elas para se pensarem como sujeitos políticos ativos. Pessoas com direitos a fazerem respeitar e não só como indivíduos isolados, atravessados por mandatos que despotencializam suas vidas. Agora, sendo parte ativa nos acontecimentos, decidindo coletivamente, participando em reuniões junto-com outros grupos – que habitando diferentes partes da cidade de Salvador também estão sendo afetados por similares interesses imobiliários que lhes negam o direito a habitar a cidade – o tecido afetivo vai se expandindo, e as pessoas se tornando mais potentes numa concepção de cidade ampliada que não se limita aos próprios lugares de habitação, trabalho e ócio. E nesta resistência coletiva, vão se apropriando da sua potência de não que lhes fora negada, modificando deste modo a cidade e já não só sendo passivamente modificadas por ela. Talvez assim, estas pessoas contaminadas por outros modos de viver a cidade consigam, por

sua vez, expandir suas práticas coletivas para outros que ainda sobrevivem na invisibilidade. Contaminar com suas potências muitas outras pessoas que estão também resistindo em tantas outras partes da urbe, nas cotidianas resistências involuntárias dos inúmeros corpos que insistem sem mais opções do que resistir o morrer nas Cidades-Espetáculo.

Leandro Santos
Orientadora: Paola Berenstein Jacques
Mestrado
Ano de ingresso: 2014

Cotidianos, “culturas” e transformações urbanas de Salvador do século XXI

...fragmento – espaço público – castro alves – gregório
de mattos – walterbenjamin – linabobardi - praça castro
alves - centro antigo de salvador (cas) – pelourinho –
centro histórico de salvador – ladeira da barroquinha
– progresso - feira - couro – identidade - terminal da
barroquinha – cinema - glauber rocha – nova schin –
carta(s) de atenas - no grau - heineken – skol – sertão
- prostituição - cultura – debord – foucault – sombra
- monumento – iphan – ipac – câmara de segurança –
cachorros - muro – sol – itaú – mar - complexo cultu-
ral da barroquinha – árvores – deserto - pipoca – m.
santos - planejamento estratégico – policiamento - pac
cidades históricas – dominó - igreja da barroquinha –
patrimônio – confecção – água – gatos - silencio - le-
febvre – delgado – namoro - afetos- espetacularização
das cidades– carmenmiranda – laranja - carta de veneza
- crianças – pedestres - brincadeiras – bares – cachaça
- carro – colonial - cu - candomblé - restaurantes – la-
deiras – sobrados – moderno - hotéis – cidade global
– pedra portuguesa – elite - refletores – pixação – mo-

rador de rua - pipoca – ônibus- cachaça – becos - água
– sol - cocô – xixi – pegação - ambulantes – sobrados
- policiamento – câmera de segurança - taxi – artistas
– gentrificação – igrejas – turismo – cachaça – ladeiras
– becos – hotéis...

Maria Isabel Menezes
Orientadora: Paola Berenstein Jacques
Doutorado
Ano de ingresso: 2012

A atuação urbanística do dispositivo de pacificação; um percurso pelo centro de Salvador

Ainda na preparação do projeto de tese, tateando um possível campo urbano onde basear a nossa experimentação, percorremos a Avenida Sete de Setembro – da Praça da Piedade ao Porto da Barra – no momento da oficina Conflito e Partilha do espaço público¹. Esta foi a primeira aproximação com a cidade de Salvador e, ao mesmo tempo, a primeira aproximação com a pesquisa de doutorado. Nosso interesse inicial era investigar as características de um espaço público destinado aos pedestres, ou, como o urbanismo pode tanto autorizar quanto inibir a presença de usos e a participação de sujeitos diversos nos espaços públicos urbanos.

A questão recaiu imediatamente sobre a pacificação, como dispositivo que autoriza, no discurso, e inibe ou controla, na prática, o uso e a apropriação democráticos dos espaços públicos, através dos seus ordenamentos, reordenamentos, remodelações, revitalizações, e também dos apaziguamentos². O entendimento da pacificação como dispositivo de poder, seguindo Michel

Foucault³, responde à complexidade de relações que se tecem entre elementos de naturezas diversas – discursos, formas, ações, instituições, etc. – para atuar, enquanto dispositivo (a própria rede de relações), visando uma pacificação. Esta rede atravessa, intervém e controla todos os aspectos da vida em sociedade e, através do urbanismo, as cidades, em geral, e os espaços públicos, em particular.

Em busca de um entendimento do que seria a pacificação dos espaços públicos urbanos, nos deixamos atravessar por diversas formas de conhecimento. Nos debruçamos sobre uma bibliografia de crítica ao urbanismo contemporâneo, de questionamento sobre o sentido de espaço público, e de base mais filosófica. Ao mesmo tempo, observamos a sua relação, da teoria, com o que foi e o que estava sendo apreendido na prática – na experiência cotidiana, através de notícias sobre os acontecimentos urbanos (especialmente no Brasil e em Salvador), ou através de suportes diversos, como filmes, músicas, etc. Somos, deste modo, inspiradas pelo que nos afeta, chega até nós, naquilo que Félix Guattari⁴ chamou contaminação afetiva ou/e apreensão transversal. Seguindo o autor, entendemos que apenas quando nos colocamos disponíveis para captar novos sistemas ético-estéticos, “novas suavidades”, “perceptos e afetos mutantes”, é que podemos escapar ao (já) antigo paradigma dominante, aos discursos e desejos produzidos pela mídia/pensamento hegemônico – estes mesmos que integram o dispositivo de pacificação.

A cidade de Salvador foi assim admitida como campo de experimentação e nos admitiu enquanto estrangeiras para uma apreensão através da vivência habitante.

O caráter de estrangeiro, se o entendemos segundo Simmel⁵, nos coloca numa posição que supõe ao mesmo tempo exterioridade e confrontação. Desta forma, nos possibilita, com o exercício da alteridade, penetrar em um “conjunto de temas proibidos”, como observou Ana Clara Torres Ribeiro⁶. Entre estes temas, que não interessam às grandes organizações / corporações, está o próprio cotidiano, deixado de lado em prol do espaço-tempo do evento, ou grande acontecimento. Além disso, nos aproxima dos estrangeiros internos, os sujeitos excluídos do anseio do espetáculo urbano, sujeitos que atuam no espaço-tempo banal.

Nossa estrangeirice mobiliza o tempo inteiro em nosso corpo apreensivo mecanismos de tradução da experiência e das práticas pedestres vividas. O movimento apreensão-tradução conduz o entendimento do processo de pacificação dos espaços públicos, este que intenciona a transformação do espaço-tempo banal em espaço-tempo espetacular. Mas tal processo é também tensionado pelas “obsessões nômades”⁷ dos sujeitos que praticam a cidade em sua mobilidade e não se deixam fixar (ou imobilizar) pelo dispositivo pacificador. Desta forma, o sentido de nômade torna-se uma chave para o entendimento tanto da cidade [que se quer] pacificada, quanto da “não-cidade” (Delgado, 2007) se a entendemos como não-pacificada ou não pacificável. Com base na oposição proposta por Deleuze e Guattari⁸, podemos dizer da cidade estriada e da cidade lisa, esta última sendo o meio onde desliza a “máquina de guerra” nômade, operada pelos “bárbaros” que se opõem ao padrão hegemônico vigente.

É interessante notar a relação de complementaridade ou o jogo existente entre o dispositivo de pacificação,

expresso no urbanismo, e esta outra cidade em movimento, de maneira que um vem a dar sentido ao outro. Assim, a imagem de cidade utilizada pelo marketing urbano se configura com base numa negação da “não-cidade bárbara”, para tanto, anseia-se uma eliminação deste outro urbano ou a sua pacificação – ao modo do que acontecia aos povos indígenas (selvagens) ou acontece às favelas (bárbaras). É levando em conta esta relação de dependência que Robert Pechman⁹ observa como a civilização alimenta a barbárie para depois deserdá-la, excluindo (em teoria) tudo o que contradiga o anseio civilizador-pacificador.

Assim, em Salvador, o interesse no pedestre nos colocou face a face, já num primeiro momento, com os ambulantes da Avenida Sete, estes outros que contrariam a chamada ordem pública, confrontando a pólis; enquanto polícia e enquanto cidade (estriada). A ciência ambulante – das mais diversas práticas pedestres – nos levou a ver na cidade as formas de conhecimento afetivo, atuando além e apesar do dispositivo de pacificação, e a buscar, pela apreensão, uma tradução do que foi vivido.

Notas

¹ Realizada de 4 a 7 de julho de 2011, a oficina foi proposta em parceria (Laboratório Urbano e CRESSON), integrando a pesquisa internacional MUSE (Enigmas Sensíveis das Mobilidades Urbanas Contemporâneas).

² O apaziguamento das mobilidades (redução de velocidades através do incentivo aos ditos “modos suaves” de deslocamento: caminhada, bicicleta, patins e afins), e como isto refletia nas ambiências urbanas, era o foco inicial da pesquisa MUSE. Página oficial da pesquisa: <<http://anr-muse.fr/>>

³ Microfísica do Poder. Rio de Janeiro|São Paulo: Edição Paz & Terra, [1979] 2014.

⁴ Caosmose: um novo paradigma estético. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

⁵ El extranjero. Madrid: Ed. Sequitur, [1908]2012.

⁶ Teorias da ação. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2015.

⁷ Termo de Jean Duvignaud utilizado por Manuel Delgado (Sociedades movedizas: passos hacia uma antropologia de lacalles. Barcelona: Ed. Nagrama, 2007).

⁸ Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia. Vol.5. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.

⁹ Cidades estreitamente vigiadas: o detetive e o urbanista. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.

Lorena Costa
Orientador: Washington Drummond
Mestrado
Ano de ingresso: 2015

A imagem cultural na cidade mercadoria: O corpo museificado e o corpo em trânsito

82

As discussões acerca dos processos de transformação das cidades contemporâneas em mercadorias, tornou-se um largo e complexo campo de pesquisa, podendo ser problematizada nas diversas camadas do conhecimento. Os projetos urbanísticos contemporâneos, são realizados em todo o mundo, segundo uma política econômica global de transformação das cidades em imagens a serem comercializadas. Assim, o desenho urbano é tecido pela convergência de forças que constituem as cidades: o poder institucional responsável pela gestão das cidades; os interesses de grandes corporações; os saberes científicos dos urbanistas declarados capacitados para desenhar seu funcionamento e as práticas cotidianas de consumo.

No jogo cinematográfico das propagandas, fundamentais para a comercialização das cidades, estas devem ser montadas de forma a seduzir aqueles que as vêem. Um frenesi de imagens relâmpago, que resumem, encolhem, compactam as cidades em uma embalagem co-

mercial cultural de alguns segundos. O acervo cultural é capturado pelo meio midiático e convertido em imagem a ser comercializada: materializando as memórias coletivas, sacralizando as tradições culturais. Mas existe uma grande lacuna entre a imagem de cidade construída e a cidade vivida, uma amnésia capaz de forjar uma cultura de alegorias impressas no nosso imaginário.

A pesquisa é uma expedição a estes processos - culturalização, patrimonialização, museificação, turistificação - no persistente processo de espetacularização das cidades contemporâneas apoiados nas políticas culturais e estratégias publicitárias que buscam construir uma nova imagem para as cidades que lhe garantam um lugar no mercado globalizado de cidades turísticas e culturais - mas principalmente, um olhar lançado sobre os corpos que transitam estes territórios embalados e comercializados pelo Estado e as grandes corporações, munidos pelas políticas culturais.

83

Para o filósofo, Giorgio Agamben, a museificação é o processo pelo qual algo torna-se impossível de uso, assim como nos museus - a obra de arte está separada do indivíduo e que no silêncio de sua contemplação, essa separação se firma. Mas além da museificação da cidade, outro caminho que alarga este processo de fabricação e consumo da memória social é a experiência no museu. A instituição museu tem se fortalecido como instrumento de gestão da vida na transformação da sociedade de consumo, onde o novo objeto de fetiche é a cultura. Isto porque o museu funciona a partir do princípio de exclusão daquilo que não deve - ou convém - ser exposto, e de uma seleção dos objetos que precisam ser lembrados, ou construídos. O que não está no museu

não precisa ou não tem valor suficiente para ser lembrado. Logo, percebemos que o museu é produzido a partir de uma narrativa estetizada da memória e uma porção generosa de amnésia.

Em outubro de 2012, o governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral, anunciou que o antigo Museu do Índio, ao lado do Maracanã, seria demolido para dar lugar a uma área de circulação no entorno do estádio sede da Copa do Mundo de 2014. O antigo edifício estava no momento sendo ocupado por um grupo de indígenas desde 2006, e recebiam visitantes/turistas regularmente. Na tentativa de evitar a expulsão, os indígenas reivindicaram o tombamento e a posse do casarão para transformá-lo em centro cultural. A tentativa de retirada forçada dos índios gerou um movimento de discussões acerca da “identidade índio” e o espaço museu. Quando a notícia chegou as redes sociais, ocorreu um equívoco em relação de qual museu seria demolido. Isso porque a instituição Museu do Índio, que funcionava antes neste espaço do Maracanã, foi transferida em 1978 para Botafogo, um casarão da arquitetura neoclássica do séc. XIX. Esta instituição possui um acervo de 14 000 peças etnográficas e ironicamente recebem exposições temporárias realizadas em parcerias com os povos indígenas a partir do Programa Índio no Museu.

Neste momento intencificou-se as discussões em torno do que seria “ser índio”, de seus direitos de estarem dentro do antigo museu e dentro da cidade. Muitos questionavam o corpo índio vestido, equipado com celular e automóvel, fazendo emergir as imagens engessadas do nosso imaginário cultural. Qual é a imagem deste corpo índio já massivamente midiaticizado? Que imagens são

estas produzidas pelos meios de comunicação e através das experiências etnográficas ou de trabalhos de etnoficção como os filmes produzidas pelo etnógrafo francês Jean Rouch?

Pensar na existência, ou sobrevivência das aldeias indígenas na margem da cidade e no abismo entre imaginário social fabricado e a imagem do corpo índio é uma estratégia de fazer emergir outras imagens das cidades contemporâneas e de seus corpos em trânsito. Nesta coexistência de aldeia e cidade, qual a imagem deste corpo índio que existe em nosso corpo? Existe memória, ou apenas amnésia?

Em um outro caminho, o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro aponta o acontecimento político contemporâneo do devir índio. Entretanto Viveiros inclui não apenas aqueles povos de origem indígena que estariam a beira de se integrar definitivamente a sociedade branca, e que, de repente, resolvem voltar a serem índios, mas também aqueles corpos em trânsito que adentram outras formas de estar no mundo, contrapondo o “desenvolvimento extensivo” da sociedade de consumo.

85

Como poderíamos pensar esta entrada do Índio no Museu, ou mesmo, no plano da Aldeia Maracanã, a proposta dos próprios índios de formalização de um “espaço cultural” na tentativa fracassada de permanência no antigo museu? Seria esta uma sacralização do museu na construção de um corpo museificado índio? Buscaremos com a pesquisa problematizar não apenas o lugar do museu e a produção cultural imagética, mas de maneira mais ampla, pensar neste corpo em

trânsito, que atravessa constantes processos de territorialização e desterritorialização, entre o viver selvagem, o civilizado e um devir corpo/devir mundo, e refletir as práticas promovidas por este corpo anacrônico na sua historiografia e sua reverberação nos espaços das cidades contemporânea - ora silenciado ora colocado a margem - e fazer ver os buracos de uma amnésia cultural fabricada. Este paradoxo contemporâneo faz emergir as questões acerca da cidade mercado, articulada pelos interesses econômicos, onde a dança dos corpos seguem o ritmo da teatralização de suas experiências.

DISPERSAO DISCIPLINADA
INDISCIPLINA

REALIDADE
CARTAGENA
AUTORES
ACORDO
• BENJAMIN
• FOUCAULT
MAR. CERTEAU
• BATAILLE
• BERENSTEIN
• RANCIERE
• DELEUZE
• AGAMBEN
• SPINOZA
• DEL GADO
• PREC
• GUA
• MAG
• ANA C

LINEAR

COMPLEXIDADE
TENSÃO ENTRE
E, E, E
DUALIDADES

- MAIO / MIMO
- LENTO / RÁPIDO
- ORIGEM / EMERGÊNCIA
- OPACO / LUMINOSO
- DESCO / MIMATO
- HOMOGENEO / HETEROGENEO
- NORMA (ORDEN) / DESVIO

ALX
DIDI H
TENGERS
U. CAMPOS
ANTOS
NEGAT
LUSSE
LIADO
TARRI
UANI
LATA

DIALECTICA
EXPERIMENTAÇÃO
METODOLOGIA
CRÍTICA AO URBANISMO
CORPO / CORPORAÇÃO

DE
AC
SP
DE

DIA 11/12 - TARDE

Camila Benezath
Orientador: Francisco de Assis da Costa
Doutorado
Ano de Ingresso: 2015

Por uma cartografia do cotidiano para colorir cidades

90

Em “Educação como prática da liberdade” (1967), Paulo Freire expõe sua metodologia de trabalho para alfabetização de adultos. Para ele, alfabetizar está muito além do método da escola tradicional e autoritária, que quer disciplinar os corpos, torná-los dóceis. Alfabetizar está além de conhecer isoladamente os fonemas da língua - alfabetização puramente mecânica -, mas passa pela tomada de consciência do sujeito integrado no mundo e com o mundo. Assim, nos diálogos do círculo de cultura a palavra geradora tijolo carrega em si tanto as experiências vividas pelos alfabetizandos, quanto seu elementos silábicos, possíveis de serem combinados para criações de novas palavras, como luta, lajota, lote...

“Não sei como um menino não tem aulas de urbanismo na escola. A cidade é tão importante quanto a língua”. A afirmação de Paulo Mendes da Rocha abre caminho para a possível relação entre a metodologia pedagógica de Paulo Freire e o urbanismo. Como educar com/para/ no espaço urbano? E é sobre a hipótese de que é possível

e é preciso pensar o urbanismo como prática de liberdade, parafraseando o educador, que o trabalho vai se debruçar. Urbanismo por seu caráter reflexivo e crítico, que não se acomoda diante das forças de alienação e domesticação impostas por discursos e ações homogeneizantes - estratégias tecnocráticas. Urbanismo este que é força de mudança, é a tática desviacionista de Michel De Certeau (1998), movimento dentro do campo de visão do inimigo.

Para pensar o urbanismo sob este viés, buscaremos articular os conceitos cartografia do cotidiano e devir-criança, tendo como foco, inicialmente, o Centro de Vitória, Espírito Santo.

O foco no Centro de Vitória foi acionado pela inquietação ao ver o mapa turístico oficial para o que vem sendo chamado de “Centro Histórico de Vitória”. No mapa estão indicados os pontos de interesse turístico e cultural, enquanto o restante da superfície é predominado por tons de cinza. Os rostos que preenchem as ruas e praças, os carros que cruzam de lá para cá à procura de vagas com seus motoristas que, muitas vezes, não prestam atenção por onde andam, as pedras portuguesas das calçadas, o desenho das janelas das casas, as marquises para sombra ou proteção nos dias chuvosos, os encontros das avós que levam seus netos para a escola, o feirante arrumando sua barraca, os adolescentes aproveitando a ladeira para brincar de skate, as beatas em procissão, os jovens redescobrimdo a rua onde seus pais curtiam a noite... Nada disso está neste discurso oficial, como se não existisse e nem fosse interessante do ponto de vista cultural ou mesmo turístico. Nada disso está no discurso que quer estigmatizar as áreas

centrais das cidades como lugares vazios, abandonados e degradados e que corrobora para intervenções urbanas homogeneizantes, espetacularizantes, intervenções urbanas que anulam a riqueza do cotidiano para tornar o mundo um grande cenário de selfies. O urbanismo que queremos defender e difundir, enquanto teoria e atuação, é um urbanismo engajado que não compactua com este discurso, que subverte esta ordem e daí sua possível articulação com a cartografia do cotidiano e o devir criança.

92

A cartografia do cotidiano a qual nos referimos aqui é uma aproximação metodológica para registro e narrativa do espaço urbano a partir da esfera do vivido, das práticas cotidianas, do habitar, dos vestígios de poesia espontânea, das relações mais elementares, das repetições presentes na vida cotidiana. A proposta na cartografia é exercitar a capacidade sensitiva de apreender as diferenças e de ser afetado pelo campo de forças vivas nelas, dissolvendo a separação entre o eu e o ele e afetando-se com os encontros dos corpos, humanos ou não. Pretendemos, assim, afirmar que o mundo não pode ser representado unicamente pela tríade ponto-reta-plano, representação estática que distribui objetos e fenômenos na superfície terrestre em diferentes escalas. A construção de uma cartografia do cotidiano busca exercitar o “olho vibrátil” que impregna-se com o mundo, que está no mundo e com o mundo, ativa e criticamente e é, justamente por isso, máquina de guerra, prática de liberdade.

Se a construção da cartografia do cotidiano passa pela ativação do olho vibrátil, passa também pelo despertar

do devir-criança. Pensar em devir-criança é entrar no campo da experimentação, das possibilidades, implica em subverter a lógica adultocêntrica, abandonando a máscara da experiência dos adultos que impõe sempre limites, domestica, desencoraja e formata para uma vida sem sentido. Se a experiência da criança e da juventude é plena de conteúdo e de espírito; se é, como afirmou Walter Benjamim (2002, p.24) “o que existe de mais belo, de mais intocável e inefável”, despertar o devir-criança é permanecer jovem. Enesta plenitude é que está a potência de se refletir, repito, o urbanismo como prática liberdade.

Janaína Chavier
Orientadora: Paola Berenstein Jacques
Doutorado
Ano de ingresso: 2015

Das maneiras de se pensar/dizer/produzir cidades: múltiplas narrativas, imagens de pensamento, atlas

94

“Desde o final do século XIX o “Mundo da representação”, em sua dimensão espaço X tempo, efetuado pela lógica binária e a maneira de pensar arborescente (o que nos impõe o modelo da árvore-estrutura como uma poderosa imagem), vem sendo, progressivamente, “desconstruído”.” (MAGNAVITA, 2004) Dessa crescente desconstrução do pensamento binário vemos emergir um conjunto de pensamentos/práticas que propõem uma multiplicidade de formas de pensar a contemporaneidade e consequentemente a cidade e o Urbanismo. Interessa-nos estudar as formas/maneiras/métodos de organizar e transmitir essa multiplicidade de conhecimentos e em como essas formas de conhecimento rebatem nas maneiras de falar/pensar/produzir cidades e consequentemente em suas práticas espaciais urbanas.

Há uma urgência em olharmos as cidades por inúmeros pontos de vistas, só assim será possível apreender sua complexidade para além dos interesses hegemônicos que precisam enxergar a cidade a partir de um único ponto de vista: o econômico.

Quando falamos em inúmeros pontos de vistas, falamos de movimento, e de um deslocar entre as singularidades de um cotidiano vivido e os universalismos institucionalizados dos anunciados. A nossa hipótese é que esse deslocamento de intensidades, esse espaço/pensamento “entre” vem sendo “esquecido” pelo tradicional urbanismo, enquanto disciplina fechada em si mesma, e esse “esquecimento” gera um apagamento de certos espaços/pensamentos de transição, os espaços do indeterminado, ou limiares (BENJAMIN, 2009) capazes de questionar os universalismos produzidos pelo capital hegemônico, sendo assim somos direta ou indiretamente impedidos – até certo ponto – de produzir um conhecimento/pensamento ou uma “prática cultural crítica” (MARQUEZ, 2009) que nos fazem questionar a eficiência do rigor científico e homogeneizador, ainda carregados de um pensamento moderno que se apoia em modelos e ideais ultrapassados de produzir/falar cidades.

95

Nosso objetivo principal é compreender como algumas disciplinas, campos e formas do conhecimento – a partir da modernidade – rebatem, atualizam e propõem, através das múltiplas narrativas e imagens de pensamento – as diversas maneiras de fazer, pensar e pronunciar a complexidade da cidade contemporânea. Vale deixar claro, que nosso interesse maior são pelas narrativas “outras” aquelas que escrevem o espaço, à medida que o mesmo é construído, porém ficaremos atentos, também, às hegemônicas com seus discursos totalitários.

Nosso objetivo principal é compreender como algumas disciplinas, campos e formas do conhecimento – a partir da modernidade até a contemporaneidade – rebatem



e atualizam no dizer/produzir cidades – através das múltiplas narrativas e imagens de pensamento.

O tema em questão trata, da complexidade da cidade contemporânea, de onde propomos, como objeto, as formas “outras” de dizer/pensar cidades e as maneiras (métodos) de trazê-las à tona, e os seus rebatimentos na produção do espaço público urbano. Nesse primeiro momento da pesquisa buscaremos as perguntas que podem responder nossas questões, a partir de uma tríade de grupos: literatura, geografia, antropologia e história [tríade relacionada as disciplinas que se avizinham do urbanismo]; “montagem urbana” (JACQUES, 2015), montagem literária (BENJAMIN, 2006), genealogia (FOUCAULT, 2007), arqueologia (FOUCAULT, 2007),



e história [Tríade relacionada aos métodos, maneiras de fazer/pensar]; e narrativas, imagens de pensamento e Atlas [Tríade relacionada à transmissão].

Ainda se referindo a esse primeiro momento, o trabalho “olha” para dois “objetos/lentes” de pesquisa de diferentes naturezas: a cidade de Salvador e para o livro “Rua de Mão Única. Obras Escolhidas Volume II de Walter Benjamin.

Cícero Menezes
Orientador: Washington Dummond
Mestrado
Ano de ingresso: 2014

**Embriaguez na cidade:
A Paranoia de Roberto Piva e Wesley Duke Lee**

98

*“Mobilizar para a revolução as energias da
embriaguez’
– em outras palavras: uma política poética?”
Walter Benjamin¹*

Este trabalho parte de uma abordagem da vida urbana pautada na relevância literária da embriaguez enquanto conjugação de uma política e de uma poética. Política como elemento de desestabilização da hegemonia racionalista impregnada na esfera social. Poética como artifício de linguagem, sobretudo, para tal. Por esse ângulo, os estados extáticos, próprios das impressões preconizadas na literatura, pelo menos desde a estética romântica, oferecem-nos, *sui generis*, uma leitura densa e, não menos, arrebatadora da metrópole moderna. Tal cenário da vida pública, matriz da emergente disciplina urbanística, orquestrou o enredo de diversos poetas e escritores absortos num frisson, em nada trivial, do cotidiano frente às grandes transformações dos espa-

ços urbanos. Com efeito, o universo da escrita torna-se, então, o nosso caminho de incursão na cidade para por em reflexão os pressupostos científicos do urbanismo e suas concernentes implicâncias.

Atravessada pela interrogação retórica da epígrafe benjaminiana, a presente investigação se estrutura, portanto, a partir da potência revolucionária de uma política poética e, por este viés, se propõe em evidenciar traços de tensão entre a mitificação do campo literário e o pragmatismo do campo urbanístico. Sob tal contraste: a cidade. Ei-la disposta entre dois universos, tais quais, o imaginário subjetivo dos poetas e o saber objetivo dos urbanistas. Duas linguagens, dois modos diferentes de perscrutá-la, de praticá-la e de narrá-la, mas também, dois modos de fazê-la, de produzi-la e de construí-la. Se, por um lado, o poeta a escreve, nos seus mais ricos detalhes, por meio de uma pulsão que o conduz ao interior de estados e territórios interditos, prostrando-se diante de esfinges que lhe rapinam a razão; por outro lado, o urbanista a cartografa e a projeta a partir de uma planificação racionalizada e estratégica, concebendo-a segundo regras distributivas, dela se exteriorizando e tomando distância.

99

Expostas as respectivas diferenças acerca de ambos os atributos aludidos, em suma, eles corresponderiam a dois olhares que se divergem, que se antagonizam em suas próprias bases. Entretanto, evitando cair numa oposição estrita, que tende a se constituir na abordagem entre campos tão dessemelhantes como tais, essa escalação ambivalente de posições frente à cidade intenta introduzir, por conseguinte, menos uma polarização entre a elocução literária e o discurso urbanístico, do que propriamente uma tensão, donde provém, sobretudo-

do, as seguintes indagações: poderia, a cidade subjetiva dos poetas, aquela onde se somam as energias poéticas e políticas da embriaguez, contaminar a homogeneidade e desestabilizar a hegemonia da cidade objetiva do urbanista? seriam, esta contaminação e esta desestabilização, epistemologicamente possíveis, ou aquele urbanista a se arriscar por estes caminhos estaria condenado ao exílio, destinado a pervagar às margens de seu próprio campo disciplinar? Eis, pois, questões prévias a mover nossa interpretação crítica e a direcionar os rumos desta pesquisa.

A partir daí, designamos, como objeto dissertativo, o estudo da embriaguez nas narrativas urbanas literárias em transversalidade ao racionalismo nas grandes narrativas urbanísticas, cujo recorte elencará, sobremaneira, a cidade de São Paulo através do cruzamento entre o livro *Paranoia* (publicado em 1963, composto pelos versos provocadores do poeta Roberto Piva e de um instigante ensaio fotográfico do artista plástico Wesley Duke Lee) e a historiografia urbanística do período de sua publicação, a fim de trazer à luz uma reencenação do embate para por em reflexão nossas questões prévias.

Tiago Schultz
Orientador: Pasqualino Magnavita
Mestrado
Ano de ingresso: 2014

Devir China_das transformações das cidades chinesas pós-Mao

Moradores conversam na porta dos remanescentes hutongs. Câmeras de segurança vigiam todas as ruas da cidade. Ai Weiwei quebra vaso milenar chinês e colabora com design do estádio de Herzog & De Meuron. Museu-espetacular-sem-acervo compõe o eixo monumental de cidade na Mongólia Interior. Pedintes e vendas de chaveiros nas saídas dos pontos turísticos. Tickets para tudo. Controle de acesso à Praça Tiananmen. Senhor estende roupas pelas ruas de Xangai. Tickets. Letreiros piscam “I love SH”. Tickets. Pearl Tower. Grupo Gropius xi fotografa demolições na série “Another Night in Shanghai”. Loja da Disney vende sonhos entre os arranha-céus do Pudong. Tickets. Arranha-céus vendem o acesso às coberturas. Filas nas portas. Tickets. Chineses dançam nos espaços públicos. Cantam. Jogam Go. Cineasta Jia Zhangkefilma ruínas, espaços simulacro, e pós-industriais. Noivos chineses fotografados na cidade escandinava no subúrbio de Xangai. Turistas foto-

grafam o jovem touro da wallstreet do oriente. Tickets. “Splendid China FolkCultureVillages” em Shenzhen. Idosos pulam grades para nadar nos canais do Palácio de Verão em Pequim.

Este ano o texto S,M,L,XL faz aniversário. Vinte anos desde a primeira exposição, seguida da publicação do texto genericcity, com imagens de cidades asiáticas aparentemente despidas de suas “identidades”, como defendia Rem Koolhaas. O OMA nunca teve tantas encomendas e clientes – principalmente na China – masterplans, torres de tv, edifícios empresariais, todos seguindo a lógica do Bigness, um XL que mais parece um M diante da hiperurbanização chinesa.

Até meados do século XIX, as cidades chinesas eram concebidas como um conjunto unitário, totalmente planejadas em composições geométricas ortogonais. Este “modelo chinês” não se limitava apenas à China continental. Desde a abertura, e com o aumento da influência externa no modo de fazer cidade chinês, a tradição passou a ser usada no discurso urbanístico apenas quando era conveniente. Le Corbusier, por exemplo, traz Pequim na sua luta contra o “caminho das mulas”: “a cidade de Pequim mostram de um lado o ângulo reto e a reta ligados irremediavelmente a todos os atos humanos” e segue “a cidade de hoje está morrendo porque não é construída geometricamente”.

Planos para Xangai foram concebidos segundo princípios do City Beautiful. Muitos outros planos foram até impostos por potências europeias. Foi o caso do Bund, dividido em várias concessões. Sob influência de outros modelos, new urbanismo, city marketing, dentro de um contexto de cidade globais, foram criadas as primeiras

ZEE's. Respondendo a necessidade de superar a imagem de “sucesso” que a colonização inglesa construiu em Hong Kong. Deng Xiaoping celebra a aceleração do “Tempo Shenzhen” e das transformações da década de 1970, empregando um modelo americano de cidade para criar o primeiro símbolo do “socialismo de características chinesas”. Venturi e Scott Brown vão a Las Vegas e publicam o *Learning From Las Vegas* em 1972, com uma análise da strip e de uma paisagem para velocidade do carro, atualizando o discurso urbanístico americano.

O termo “urbanização” (*dushihua*) entra para os documentos oficiais do Partido Comunista Chinês para descrever um novo processo. Até então usavam apenas o termo “*chengzhenhua*” para descrever um processo híbrido no qual o governo “leva a cidade” até as vilas e aldeões para “civiliza-los”. Neste período o sistema de controle *hukou* começa a ser flexibilizado. O *hukou* funciona através da atribuição de um status (rural ou urbano) atribuído às pessoas no nascimento que era imutável. Esse sistema regulava o acesso às infraestruturas urbanas básicas como creches, escolas, hospitais, dependendo do status atribuído à pessoa.

103

O “Tempo Shenzhen” se torna um paradigma de velocidade de transformação para o resto da China. Novas áreas são criadas com o rezoneamento de grandes massas de terra dentro das municipalidades. Construir cidades se torna um grande e lucrativo negócio. Negócio da China. Universidades chinesas despontam em rankings internacionais com algumas das melhores faculdades de arquitetura. Havard chama Koolhaas para criar “*Project For What Used To Be The City*”, resumido posteriormente para “*Project On The City*”, com foco

no estudo da rápida urbanização no Delta do Rio Pérola, publicado no livro *The Great Leap Forward* em 2001. Demolições de grandes áreas das cidades abrem espaço para grandes projetos, caracterizando uma forma de intervir na cidade situada entre a construção de infraestrutura e a tabula rasa, características do “urbanismo infravermelho”, segundo Koolhaas.

Notícias. Mídia internacional faz reportagens sobre *nailhouses*. Jornalista Melissa Chan (Al Jazeera) desembarca por engano na cidade de Ordos em 2009. BBC publica uma lista com as maiores “cidades fantasma” chinesas. Notícias sobre shoppings abandonados na China. Cidades-fantasma-temáticas. Google disponibiliza um tour virtual pelas fotos aéreas das “cidades fantasma” chinesas. Otília Arantes publica o livro *Chai-na*. Baidu divulga estudo sobre as “cidades fantasma” da China. Sátiras e suposições são feitas a partir de imagens de cidades aparentemente vazias em lugares ermos.

Estas situações urbanas extremas, ou casos limites podem até ser analisadas segundo imagens estáticas como fez o Koolhaas, ou de longe como fez a Otília, ou até mesmo como fizeram (e fazem) os jornalistas. Imagem da imagem da imagem. A intenção deste trabalho é contribuir para dissolução de consensos.

Clara Pignaton
Orientador: Paola Berenstein Jacques
Doutorado
Ano de ingresso: 2012

A questão da forma entre a história e o tempo - notas sobre a obra de Flavio de Carvalho

O trabalho consiste em adentar as relações da história com o tempo que a imagem nos impõe. O que está em jogo é o questionamento do sentido linear de uma historiografia universalizante que pressupõe a continuidade, a acumulação de fatos e sua sucessão encadeada. Para tanto, uma abertura da história para além do sentido único do progresso exige uma outra imagem temporal. Fora exatamente o que Warburg e Benjamin se propuseram, num contexto muito próximo de ambos, ao desconsiderar as delimitações precisas de épocas e estilos e estudar seus objetos singulares de modo intensivo, considerando sua pré e pós-história, os cruzamentos e as tensões que neles convergiam. Daí decorrem as noções de benjaminiana de “origem” e warbuguiana de “Nachleben”, onde ambas operam pela imagem em sua relação com a memória, o que sem dúvida implica uma complexidade da figura temporal na medida em que revelam as contradições intrínsecas aos seus objetos históricos. As contradições se tornam centrais à investigação. Fala-se de modernidade: Warburg olha para o Renascimento, Benjamin para a Paris do século XIX, e,

como aquele que se debruça e trabalha sobre o período anterior àquele que de fato lhe interessa [BENJAMIN], o objeto singular do presente estudo é a obra arquitetônica de Flávio de Carvalho no movimento moderno no Brasil.



laboratório urbano

Caderno de Resumos
Seminário Interno 2015.2

Eduardo Rocha Lima
Organização

Leonardo Vieira
Projeto Gráfico e Diagramação

Eduardo Rocha Lima
Lucas Moreira
Artes

CLABRATORIO
SUNBANO



MAS O BOY NAO

SAPAS



RESPEITE:



UMBANDA E O CANDOMBLE

VOE' ESTA PROUTO
PARA A VOLTAR
DE JESUS?

VLT

SE VC
E NAO

FUME

E FIQU

I LOVE
SUNBANO
PELUDO

PARA
JESUS
X VERDIN X

ALÉM É A

STRESS
ORGASMO